

Índice

Índice de figuras	2
INTRODUÇÃO.....	3
I - BREVE CARACTERIZAÇÃO DO PAÍS	7
1.1. Aspectos geográficos e imensidão de recursos.....	7
1.2. Demografia e educação	9
1.3 Breve caracterização dos estados da ex-URSS.....	10
II. ANTECEDENTES HISTÓRICOS.....	17
III. A CRISE.....	21
3.1 OS FACTORES ECONÓMICOS DA DESINTEGRAÇÃO DA URSS.....	22
3.2. Indústria.....	26
3.3. A Agricultura.....	29
3.4 Saúde, Condições Sociais E Ambiente.....	31
3.5 Chernobyl e as suas consequências	33
IV A CRISE ÉTNICO-SOCIAL	35
4.1 Influência dos valores culturais e influências externas	35
4.2 Os factores étnicos e os nacionalismos.....	37
V. A CRISE MILITAR	44
VI - A GOVERNAÇÃO GORBATCHEV	47
6.1. Gorbatchev, a herança recebida, a consolidação do poder e as suas ideias políticas: ..	47
6.2. Os condicionalismos e as correntes dominantes para combater a crise (o XXVII congresso do PCUS).....	48
VII – PERESTROIKA E GLASNOST	51
7.1. Gorbatchev e a sua Política Externa.....	52
7.3 O golpe de estado de 1991 e o seu fracasso	57
7.4 A Rússia após o golpe de estado	65
CONCLUSÃO.....	67
BIBLIOGRAFIA	69
ANEXOS.....	70

Índice de figuras

Ilustração 1 (Mapa da URSS, AA.VV, 1989, p 61)	7
Ilustração 2, Países que faziam fronteira com a URSS (www.googleimages.com).....	8
Ilustração 3(principais grupos étnicos (Kennedy, 1993, p 27).....	9
Ilustração 4, Bandeiras das quinze Republicas que formam a URSS (www.googleimages.com).....	16
Ilustração 5 A queda do Muro de Berlim (www.googleimages.com).....	20
Ilustração 6 Taxa do crescimento medio anual na URSS (AA.VV, 1989, p 120)	23
Ilustração 7 (Kennedy, p 16)	26
Ilustração 8, Dados da hegemonia dos USA no armamento	28
Ilustração 9 Encontro de Georges Bush, Ronald Reagan e Gorbachev nos USA.....	52
Ilustração 10 Boris Ieltsi e Gorbachev (www.googleimages.com).....	55
Ilustração 11, Casa de férias do Gorbachev	58
Ilustração 12 O povo de Leningrad a manifestar-se contra o Golpe de Estado de 1991 (Gosset e Fédorovski, 1991, p 111	62
Ilustração 13 Boris Ieltsin no meio do povo aquando do Golpe de Estado (Gosset e Fédorovski , 1991, p 135).....	64

INTRODUÇÃO

O trabalho aqui apresentado foi realizado com o intuito de procurar compreender as causas que levaram à queda do comunismo na sua “Mãe Pátria” – a União das Repúblicas Socialista Soviéticas (URSS). Como estudante finalista do curso de Relações Internacionais, este tema suscitou-me muita curiosidade e a ele dediquei a minha atenção.

A verdade é que eu cresci e vivi num mundo dividido em dois blocos, num mundo bipolar com sistemas políticos, económicos, sociais e ideológicos diferentes, onde existia o conceito de mundo livre. Hoje no sistema internacional verifica-se o aparecimento de novos e velhos actores, libertos de condicionalismos da bipolarização, surgem novas formas de interdependência e de supranacionalidade.

A estrutura deste trabalho comporta para além desta introdução, mais sete capítulos. Os oito capítulos baseiam-se numa narrativa de carácter Histórico, onde se faz a apresentação do percurso e evolução da URSS, enquanto potência. Do ponto de vista teórico esta abordagem sobre as causas da queda da URSS é justificada com dados retirados sobretudo da pesquisa bibliográfica de vários autores e de documentos disponibilizados em alguns sites na Internet.

O primeiro capítulo intitulado “Breve caracterização do País” enumera essencialmente os aspectos geográficos e a imensidão dos recursos do bloco soviético. A caracterização dos Estados da ex- URSS é fundamental para se perceber que tipo de produtos eram produzidos, qual a religião dominante, a importância de cada uma das Repúblicas em termos populacionais, quais os sectores mais desenvolvidos do tecido industrial e o nível de alfabetização da população soviética.

O segundo capítulo foca os principais marcos históricos da URSS, a sua postura face aos países vizinhos, o seu desejo em querer dominar e colonizar os outros Estados. É por isso importante definir a actuação do Marxismo Leninismo, como corrente política usada para explicar o Universo, enquadrando todas as atitudes e explicações no Socialismo; no

reconhecer outros valores se não os seus e não dar razão a mais ninguém. A fase heróica do Marxismo consistiu em apontar a revolta como solução para tudo; em prometer alcançar o desafogo e o progresso num curto espaço de tempo, isto através da apropriação e da distribuição dos bens mais ricos aos mais necessitados; apresentar sempre resposta a todas as novas questões colocadas. O paraíso estava prometido e parecia de fácil alcance para os cidadãos soviéticos que não tinham termo de comparação com as sociedades do Ocidente. O esforço colectivo de uniformização não foi suficiente e as sociedades Marxistas Leninistas foram amortecendo até à sua estagnação..

O terceiro capítulo “ A Crise” assenta nos factores económicos que levaram à crise. Para se perceber como foi possível a ruptura do bloco soviético, torna-se obrigatório expor a forma como todo o bloco era gerido. Este capítulo apresenta o modo como o Estado controlava a produção agrícola e industrial, não existindo espaço para a iniciativa privada. O objectivo da URSS era equiparar-se ao Ocidente e sobretudo aos Estados Unidos da América, quer a nível tecnológico, quer material, quer de conforto, mas sobretudo no que diz respeito à corrida ao armamento e à “Guerra das Estrelas”, não olhando a meios para entrar nessa competição. É aqui demonstrado que os países que adoptaram o Socialismo eram controlados politicamente, com a imposição de partido único e com a adopção do Socialismo real ou seja uma economia controlada, planificada e administrada pela burocracia dirigente. A União Soviética desenvolveu um grande mercado socialista, que obrigava os países socialistas a se especializar num determinado ramo do sector produtivo. Os bens de consumo mais básicos não eram acessíveis a todos. Com o passar dos anos, o povo soviético cansou-se de viver de uma forma oprimida e sem qualidade , mostrando – se descontentes por possuir um nível de vida muito inferior aos dos países ocidentais. As condições sociais e ambientais estavam degradadas, fazendo com que a população ficasse cansada do sistema político e económico imposto pelo poder central

O quarto capítulo apresenta questões relativas às diferenças etnico- culturais dos diversos Estados que formavam a URSS e como elas estiveram na origem do desmantelamento do bloco soviético. Torna-se por isso essencial neste capítulo enunciar os acontecimentos que levaram a ruptura entre o Estado e a sociedade. Factores externos, como o tipo de vida ocidental, o reconhecimento internacional de algumas figuras ligadas à elite

intelectual soviética, acontecimentos surgidos nos outros países vizinhos sensibilizaram as populações para necessidade de mudança. A classe intelectual através das suas publicações e discursos permitiu que novas ideias fossem introduzidas na sociedade soviética. O Ocidente por seu lado tentava que a emancipação dos povos fosse uma realidade e para isso tentava aproximar-se da camada política soviética. A verdade é que os países que formavam a URSS assim como os estados periféricos que estavam sob a sua influência política, cansaram-se de ser manipulados pelo governo central e por isso quando sentiram que as condições estavam reunidas, emanciparam-se e libertaram-se proclamando a sua independência.

O quinto capítulo demonstra o descontentamento crescente das pessoas ligadas ao sector militar. A dominação militar era uma realidade que se fazia sentir em todos os territórios, levando a população a um estado de saturação. Com o passar dos anos, Gorbachev foi cortando nas despesas com o Exército, estes últimos foram perdendo privilégios e surge assim uma onda de descrença no partido. Gorbachev vai pagar a factura, quando o Golpe de Estado acontece e os militares recusam-se a apoiar o líder soviético.

O sexto e sétimos capítulos apresentam a forma como o líder Mikhail Gorbachev surge no plano político e tratam de mostrar quais os princípios económicos defendidos por este último. São igualmente definidos os conceitos de Perestroika e de Glasnost. Tenta-se igualmente demonstrar que o desmantelamento da URSS aconteceu, porque uma nova geração de políticos o permitiu. Homens como Gorbachev e Boris Ieltsin contribuiriam para democratização do sector político. O Golpe de Estado é um marco importante no desmembramento de todo o bloco e por isso a sua descrição é imprescindível. Este acontecimento marca a queda de Gorbachev e a ascensão ao poder de Boris Ieltsin. Por último é importante fazer uma breve abordagem sobre o estado em que ficou a URSS após o Putsch de 1991 e consequente desmantelamento.

Por fim o oitavo capítulo “Conclusão” reforça a ideia da importância dada pela URSS ao sector do armamento. O desperdício de capitais nesta área levou ao descalabro económico do bloco. A crise instalou-se devido à falta de respeito pela heterogeneidade cultural das várias Repúblicas. A Perestroika foi o motor de arranque de uma nova mentalidade que permitiu

profundas mudanças na União das Repúblicas Socialista Soviéticas. Após o Golpe de Estado é importante referenciar as incertezas existentes quanto ao futuro.

Podemos assim concluir que o Marxismo Leninismo não deu resposta às ansiedades surgidas, nem preencheu o inevitável vazio das consciências. O tão esperado Homem novo nunca chegou a ser criado, o que restou foi o Homem de sempre. Ao pôr-se em causa a ideologia era inevitável que a unidade, as estruturas e a sociedade soviéticas fossem abaladas, pois o elo de ligação deixara de existir, estávamos perante o fim do Marxismo-Leninismo com vocação planetária. O fim da estabilidade no Leste europeu, o efeito da “Teoria dos Dominós” e as consequências da “Doutrina Sinatra” contribuíram para o fim de uma era , para a queda do mundo pós Yalta e eliminação das estruturas da velha ordem.

A situação internacional encontra-se em fase de transição, da qual resultam perigos para a comunidade mundial: proliferação de armas químicas, proliferação de armas nucleares, alteração de fronteiras, integrismos, separatismos. Estes são os reflexos da herança da Guerra Fria. A necessidade de tomar consciência dos problemas globais levou-me a realizar este estudo que aqui apresento sobre as causas da queda da URSS. Para efectuar este trabalho recorri à pesquisa bibliográfica.

A compreensão do despertar de uma nova ordem mundial pressupõe o conhecimento das causas da sua razão de ser.

I - BREVE CARACTERIZAÇÃO DO PAÍS

1.1. Aspectos geográficos e imensidão de recursos



Ilustração 1 (Mapa da URSS, AA.VV, 1989, p 61)

A URSS era o maior país do mundo com 22.400.000 de km², estendendo-se desde o Báltico e o Mar Negro até ao Oceano Pacífico, quase tocando a América do Norte. O seu território tinha 60.000 km de fronteiras terrestres, ligado a 12 países tendo assim a oeste:

Noruega

Finlândia

Polónia

Checoslováquia

Hungria

Roménia

e a sul:

Turquia

Irão

Afeganistão

República Popular da China

República Popular da Mongólia

1.2. Demografia e educação

O território soviético encontrava-se habitado por 288 milhões de pessoas. A URSS possuía igualmente o mais completo sistema educativo do mundo, permitindo-lhe afirmar-se em várias frentes. O sistema educativo soviético estava virado para utilidade económica em vez da prossecução do conhecimento pelo conhecimento e isto vai se reflectir através do elevado número de engenheiros existentes no mercado de trabalho sendo que a grande maioria trabalhava no sector do armamento. A ex-URSS era um território constituído por uma grande diversidade de povos, culturas e religiões. Todas estas diferenças não impossibilitaram a formação de um estado político, económico e militar reconhecido internacionalmente. No entanto esta heterogeneidade cultural vai igualmente estar na origem da queda do bloco de leste. Em termos demográficos surgem alterações que vão influenciar todo o sector económico. A diminuição da taxa de natalidade e o aumento dos reformados resulta numa redução da força do trabalho. Nos anos 70 entraram no mercado de trabalho um total de 22 milhões de pessoas enquanto que nos anos 80 houve uma diminuição para 7.7 milhões de pessoas. Os anos 90 ficaram marcados por uma diminuição ainda mais drástica que rondou os 5.7 milhões de pessoas que entraram para a população activa. Em termos demográficos e durante todo o século XXI as Repúblicas Soviéticas vão sofrer profundas alterações. As Repúblicas do sul têm um crescimento mais elevado do que a Rússia, havendo assim uma tendência do aumento da população «não Branca». (Kennedy, 1993, pp. 12, 26 e 27)

1.3 Breve caracterização dos estados da ex-URSS

1.3.1 - Arménia

Religião dominante: cristã

População (1991): 3 283 000 habitantes

PIB/Habitante: 2915 dólares

Principais recursos: batata, vinha, carne, bovinos, caprinos, suínos, electricidade e cimento.

Principais exportações: alimentos transformados e outros produtos agrícolas, produtos químicos, produtos industriais ligeiros, maquinaria, metais e têxteis.

Principais importações: lacticínios, carne, peixe, carvão, gás, petróleo, bens de consumo, matérias primas industriais e metais.

A Arménia é considerada o estado mais industrializado do Cáucaso, teve um papel preponderante no fornecimento de máquinas e ferramentas para as outras Repúblicas. É um estado limitado em termos de recursos naturais e de terra arável, mas toda a sua força assenta numa população altamente qualificada.

1.3.2 - Azerbaijão

Religião dominante: Islamismo

População (1990): 7 029 000 habitantes

PIB/Habitante: 2056 dólares

Principais recursos: algodão, batata, vinha, chá, petróleo, gás natural, tapeçaria, electricidade.

Principais exportações: produtos agrícolas, electricidade, petróleo, produtos químicos, maquinaria, metais e têxteis.

Principais importações: lacticínios, carne, produtos alimentares transformados, peixe, bens de consumo e matérias-primas industriais.

Esta República em termos económicos é a que tem maior potencial.

1.3.3 - Bielorrússia

Religião dominante: Ortodoxa

População (1990): 10 200 000 habitantes

PIB/Habitante: 3902 dólares

Principais recursos: batata, beterraba de açúcar, bovinos, caprinos, ovinos, suínos, electricidade, trunfa, petróleo, fibras sintéticas, papel, cimento e televisores.

Principais exportações: lacticínios, carne, produtos industriais, produtos químicos, bens de consumo, equipamento electrónico, informático, maquinaria e têxteis.

Principais importações: produtos agrícolas, metais, peixe e matérias-primas industriais.

É um estado que depende fortemente do exterior em termos de matérias primas sendo, no entanto muito industrializado. Apesar do seu mau clima e solo consegue mesmo assim exportar produtos agrícolas.

1.3.4 - Kasaquistão

Religião dominante: Islamismo

População (1990): 16 538 000 habitantes

PIB/Habitante: 2706 dólares

Principais recursos: electricidade, petróleo, bovinos, ovinos, caprinos, carne e leite.

Principais exportações: produtos agrícolas, produtos químicos, metais, carvão, gás, petróleo, matérias-primas industriais e têxteis.

Principais importações: lacticínios, produtos agrícolas, peixe, maquinaria, têxteis e bens de consumo.

Este território possui recursos minerais essencialmente petróleo. Grande parte do seu solo é muito fértil sendo constituído por estepe, montanhas e deserto.

1.3.5 - Estónia

Religião dominante: Protestantismo

População (1990): 1 573 000 habitantes

PIB/Habitante: 5039 dólares

Principais recursos: batatas, carne, leite, bovinos, suínos e xisto betuminoso.

Principais exportações: alimentos transformados, lacticínios, carne, peixe, produtos industriais ligeiros, maquinaria, equipamento electrónico e informático, electricidade e bens de consumo.

Principais importações: alimentos transformados, têxteis, carvão, gás, petróleo e matérias-primas industriais.

É um estado altamente industrializado e demograficamente é ocupado por muitos Russos.

1.3.6 - Geórgia

Religião dominante: Ortodoxa

População (1990): 5 449 000 habitantes

PIB/Habitante: 2731 dólares

Principais recursos: chá, citrinos, vinha, bovinos, ovinos, caprinos, magnésio, aço e electricidade.

Principais exportações: produtos agrícolas, peixe, maquinaria e matérias primas industriais.

Principais importações: lacticínios, produtos agrícolas, carne, peixe, metais, têxteis, petróleo, electricidade e bens de consumo.

Esta República exporta vinho, citrinos e possui uma grande capacidade para o turismo.

1.3.7 - Quirguízia ou Quirguistão

Religião dominante: Islamismo

População (1990): 4 291 000 habitantes

PIB/Habitante: 2079 dólares

Principais recursos: electricidade, carvão, cimento, aço, ovinos e caprinos. Principais exportações: produtos agrícolas, maquinaria, equipamento electrónico e informático, têxteis, bens de consumo, matérias primas têxteis naturais.

Principais importações: carne, peixe, produtos químicos, produtos industriais ligeiros, metais, têxteis, carvão, gás, petróleo, electricidade, bens de consumo e madeira.

É um território pobre em recursos e está longe dos mercados. Se conseguir ultrapassar as suas rivalidades étnicas, tem fortes possibilidades de construir uma nação moderna, uma vez que possui infra estruturas industriais e algumas terras aráveis.

1.3.8 - Letónia

Religiões dominantes: Protestantismo, Catolicismo, Ortodoxa

População (1990): 2 681 000 habitantes

PIB/Habitante: 4542 dólares

Principais recursos: electricidade, aço, plásticos, papel, beterraba de açúcar e batata.

Principais exportações. Alimentos transformados, lacticínios, carne, peixe, produtos industriais ligeiros, equipamento electrónico e informático, têxteis e electricidade.

Principais importação: produtos agrícolas, metais, carvão, gás, petróleo, matérias primas industriais.

Os Letões possuem uma longa tradição ligada ao comércio e esta última pode levar à modernização e privatização do tecido industrial.

1.3.9 - Lituânia

Religião dominante: Catolicismo

População (1990): 3 690 000 habitantes

PIB/Habitante: 3561 dólares

Principais recursos: electricidade, cimento, beterraba, batata, bovinos, e suínos.

Principais exportações: bens de consumo, equipamento electrónico e informático, têxteis, maquinaria, peixe, carne e lacticínios.

Principais importação: matérias primas industriais, produtos agrícolas, metais, carvão, gás, petróleo.

A Lituânia é o território que melhor absorve a minoria Russa. O principal problema da Lituânia é a modernização dos reactores nucleares(iguais ao de Chernobyl), que lhe fornecem 60% da sua electricidade.

1.3.10 - Moldávia

Religião dominante: Ortodoxa

População (1990): 4 341 000 habitantes

PIB/Habitante: 2929 dólares

Principais recursos: electricidade, beterraba de açúcar, vinha, carne, girassol, batata, manteiga, aço, cimento, açúcar.

Principais exportações: alimentos transformados, produtos agrícolas.

1.3.11 - Rússia

Religião dominante: Cristianismo, Ortodoxa

População (1991): 147 386 000 habitantes

PIB/Habitante: 4224 dólares

Principais recursos: trigo, centeio, milho, arroz, beterraba de açúcar, batata, frutos, gado bovino, gado suíno, gado ovino/caprino, carne, leite, aço, carvão, electricidade, petróleo, gás natural, ferro, veículos de turismo, veículos utilitários e cimento.

Principais exportações: lacticínios, produtos agrícolas, carne, peixe, produtos químicos, maquinaria, metais, equipamento electrónico e informático, têxteis, carvão, gás, petróleo, electricidade, bens de consumo, matérias-primas industriais e madeira.

Principais importações: alimentos transformados, produtos industriais ligeiros, bens de consumo, matérias-primas têxteis e naturais e alguns produtos agrícolas.

Alguns dos seus recursos encontram-se em algumas repúblicas autónomas da confederação Russa, o que poderá dar origem a potenciais conflitos. É a segunda maior nação da Terra e tem imensos recursos minerais, incluindo uma vasta zona de petróleo ainda por explorar.

1.3.12 - Tadjiquistão

Religião dominante: Islamismo

População (1990): 5 112 000 habitantes

PIB/Habitante: 1341 dólares

Principais recursos: hulha, cimento, algodão, bovinos, ovinos e caprinos.

Principais exportações: produtos agrícolas, maquinaria, metais, têxteis, electricidade e matérias-primas têxteis naturais.

Principais importações: lacticínios, carne, peixe, produtos industriais ligeiros, equipamento electrónico e informático, metais, têxteis e bens de consumo.

É considerado o mais pobre dos novos estados. Possui a maior taxa de crescimento demográfico. A sua principal produção é o algodão e tem abundantes recursos hidroeléctricos.

1.3.13 - Turquéménia ou Turcomenistão

Religião dominante: Islamismo

População (1990): 3 534 000 habitantes

PIB/Habitante: 2002 dólares

Principais recursos: electricidade, petróleo, enxofre, ovinos, caprinos, algodão e cimento.

Principais exportações: produtos agrícolas, peixe, maquinaria, têxteis, gás, petróleo e matérias-primas têxteis.

Principais importações: lacticínios, produtos agrícolas, carne, maquinaria, metais e bens de consumo.

A sua produção baseia-se no gás natural e no algodão. Mas em termos alimentar é um estado dependente das importações.

1.3.14 - Ucrânia

Religião dominante: Ortodoxa

População (1990): 51 704 000 habitantes

PIB/ Habitante: 3177 dólares

Principais recursos: beterraba de açúcar, girassol, batata, açúcar, manteiga, bovinos, suínos, ovinos, caprinos, hulha, electricidade, petróleo, aço, magnésio, papel, madeira, cimento, ácido sulfúrico, frigoríficos e máquinas de lavar.

Principais exportações: lacticínio, produtos agrícolas, carne, maquinaria, metais, carvão e electricidade.

Principais importações: produtos agrícolas, peixe, produtos industriais ligeiros, têxteis, gás, petróleo e bens de consumo.

A Ucrânia é a região mais rica do Império Russo. A sua prosperidade deve-se ao desenvolvimento da cultura de trigo, da beterraba de açúcar, da extracção mineira (hulha, ferro) e indústria metalúrgica. Poderá ser um dos maiores exportadores mundiais de cereais porque possui solos férteis. O seu maior desafio consiste em modernizar a sua indústria altamente poluente.

1.3.15 - Uzbequistão

Religião dominante: Islamismo

População (1990): 19 906 000 habitantes

PIB/Habitante: 1579 dólares

Principais recursos: algodão, electricidade, gás natural, arroz, bovinos, ovinos, caprinos, suínos e carne.

Principais exportações: produtos agrícolas, produtos químicos, maquinaria, metais, têxteis, gás, matérias primas têxteis e matérias primas industriais.

Principais importações: laticínios, produtos agrícolas, peixe, têxteis, carvão, petróleo e bens de consumo.

É o mais populoso estado muçulmano, possui terras férteis e reservas maciças de gás natural que permitem assegurar as suas necessidades energéticas. Por volta dos anos 90, os solos encontram-se esgotados devido a monocultura do algodão. O crescimento demográfico provoca desemprego e a pobreza acentua-se.



Ilustração 4, Bandeiras das quinze Repúblicas que formam a URSS (www.googleimages.com)

II. ANTECEDENTES HISTÓRICOS

A lei dos impérios é a lei da conquista e da guerra, os meios militares são utilizados geralmente sem contemplações para estabelecer no decurso do apogeu e de forma mais ou menos estável, a sua paz, de a defender e de a continuar a impor em termos de sobrevivência até ao momento em que se processa a sua queda, geralmente provocada por leis internas. Já dizia Gustave Le Bon , que os impérios nascem, vivem e morrem como os homens e no seu estágio final são vencidos pela velhice e pela doença. À excepção de Roma e Bizâncio, a maioria dos impérios nasceu na Ásia, onde se encontrava a maioria da população mundial. No entanto até às Descobertas jamais tiveram uma escala mundial.

Segundo o autor Georges Sokoloff, durante metade do milénio, a Rússia procurou impor aos seus vizinhos, a sua grandeza, a sua autoridade, a sua necessidade de segurança e o seu prestígio. Com os países que a rodeavam tentou criar um império, rodeada de largas zonas de influência, mas isso muitas vezes conseguido a custo de conflitos, por intimidação ou então pela pura vontade de colonizar. (Sokoloff, 1998, p 450).

O historiador e famoso autor Paul Kennedy, no seu livro “Ascensão e Queda das Grandes Potências” considera que existe uma estrita correlação de forças entre o poder económico e militar. A combinação das duas formas de poder faz emergir novas potências, mas logo que uma fraqueja provoca o seu declínio e a sua ruptura. (1988, pp. 15 e 16).

Franco Nogueira (2000, p 171) afirma que o socialismo soviético surgiu como crítica e em oposição ao capitalismo. O bloco socialista tinha a ambição de alcançar o mesmo progresso material, o mesmo nível tecnológico, mas sua grande prioridade era ultrapassar o Ocidente em todos os níveis. O colectivismo soviético queria impor-se como humanismo, para solucionar a crise do fim do século. A política desenvolvida pelo bloco soviético surgia como uma doutrina sem defeitos, que possuía o monopólio da verdade e da razão. O Marxismo-Leninismo defendia, que a revolução era o único caminho para alcançar justiça social, através da distribuição dos bens de uma forma igual para todos. O trabalho era visto como sendo o elemento mais importante da produção. O socialismo soviético prometeu uma coisa que não pode de forma alguma cumprir, mas conseguiu através da imposição da autoridade, manter as pessoas na ignorância sobre a liberdade e a forma como se vivia no Ocidente. Todo o bloco vivia só para si, ou seja de uma forma completamente fechada e por

isso as pessoas não se apercebiam, que existia fora das fronteiras outros modos de vida. A agressão era utilizada e justificada como sendo uma razão para destruir as sementes do capitalismo, do liberalismo e da democracia. A sociedade soviética não soube aproveitar todos os seus recursos para evoluir e entrou num estado de estagnação, que por sua vez foi responsável pelo desmembramento da URSS.

O comunismo terá tendência para se esbater numa fase de alto nível de consumo, em que as indústrias viradas para o consumidor nomeadamente a do audiovisual têm um papel chave. Esta seria a razão pela qual os responsáveis soviéticos atrasaram ou adiaram uma economia de alto consumo, sabendo que era incompatível com o domínio do partido comunista, que não disporia dos mecanismos de repressão intelectual nesse estágio de desenvolvimento.

Este trabalho propõe-se estudar as razões da queda da URSS, considera-se por isso importante analisar de uma forma resumida o seu apogeu. Assim, com Pedro O Grande e Catarina II, temos uma expansão em quatro frentes: anexação da Finlândia e Bessarábia; da parte restante da Polónia (que deixa de figurar no mapa europeu); contra os Otomanos na Crimeia; finalmente na Ásia Central ganhando o domínio da Geórgia e do Azerbaijão, do Kasaquistão e do Turquistão. Ainda no Extremo Oriente, ocupando 2.5 milhões de Km² de território conquistado à China, possibilitando-lhe a abertura ao Pacífico. Por sua vez a expansão russa nos Dardanelos teve como objectivo a penetração no Mediterrâneo.

No final do século XIX o império tinha uma demografia galopante, o que originou graves problemas sociais, as estruturas administrativas eram incipientes e a França nessa altura tinha uma grande influência no domínio das finanças soviéticas.

A URSS herdou o grande Império Czarista à excepção da Bessarábia, Polónia, países Bálticos e Finlândia, que foram perdidos no final da I Guerra Mundial, após a derrota com a Alemanha, nos termos do Tratado de Brest-Litvosk de 1918. Verifica-se, porém, uma continuidade em termos imperiais.

A derrota da Alemanha na II Guerra Mundial, veio possibilitar a tão desejada expansão para o Ocidente recuperando assim territórios perdidos, à excepção da Finlândia. Começa a satelitização da Europa Central: Polónia, Checoslováquia, Alemanha Oriental,

Hungria, Bulgária e Roménia. A Mongólia passa a ter uma independência apenas formal. A Áustria recupera a sua independência a troco da neutralidade.

A URSS passa a mostrar um interesse pelo Terceiro Mundo, quando aparecem os primeiros surtos de independência. Os avanços soviéticos em termos de Internacionalismo Leninista têm lugar em Cuba, Vietname, Angola, Etiópia, Iémen, Nicarágua e Afeganistão.

Em nove de Novembro de 1989, assistimos ao nascimento de uma nova era, ainda que não definida, mas que teve um marco histórico, “A Queda do Muro de Berlim”. Esta Nova Ordem não tem referências históricas, nem exemplos no passado, assim tudo surge de uma forma um pouco inesperada, mas que foi fruto de décadas de saturação. Assistimos à renúncia de facto e de jure ao “Comunismo” e à economia planificada. Podemos afirmar que se viveu um período de incerteza. O ruir do Mundo Bipolar levou consigo a velha ordem que durou mais de quarenta anos. Ficou-se perante uma nova realidade, perigosa e imprevisível, que originou uma alteração profunda no equilíbrio de poderes. A retirada do arame farpado ao longo da fronteira com a Áustria aconteceu para permitir aos Húngaros deslocarem-se livremente, mas essa vantagem foi aproveitada igualmente pelos Alemães de Leste, que beneficiaram dessa liberdade e começaram a atravessar as fronteiras da Checoslováquia e da Hungria a pé. A Hungria foi acusada de trair o socialismo ao permitir a abertura das fronteiras, fazendo com que em Setembro já houvesse 130.000 Alemães de Leste nesse território. Em contrapartida em Praga, 3.000 Alemães de Leste treparam as vedações da embaixada da Alemanha Ocidental, para pedir asilo político. As televisões cobriram este acontecimento, mas o governo checo estava descontente com toda esta publicidade. Na sequência do quadragésimo aniversário da República Federal Alemã (RFA), foi permitido aos Alemães de Leste, que se encontravam em Praga, viajar para a Alemanha Ocidental, desde que o fizessem em comboios selados e que atravessassem todo o território da RDA. As carruagens foram aclamadas ao longo de todo o seu percurso e outros Alemães de Leste tentaram subir a bordo. Na Alemanha de Leste vivia-se tempos de tensão porque os governantes alemães tentaram limitar as viagens para o Ocidente. Foi criado um decreto de lei, que autorizava a saída dos cidadãos da RDA por qualquer posto fronteiriço, permitindo assim o acesso à Alemanha Ocidental e a Berlim Ocidental, rapidamente espalhou-se a notícia de que o muro estava aberto. As pessoas começaram a reunir-se juntos dos postos fronteiriços e as autoridades perante a multidão decidiram abrir os portões. O delírio tomou conta dos alemães de ambos os lados, que aos poucos foram destruindo o muro de forma a deixar passar

as pessoas para ambos os lados. As pessoas perceberam que a queda do Muro de Berlim iria permitir que pudessem viver finalmente num mundo livre e numa Alemanha novamente unificada. (Gaddis, 2007, pp 245, 246, e 247)

Em 28 de Novembro de 1989, François Mitterrand, declarou: cito “Não tenho de fazer nada para o impedir, os Soviéticos fá-lo-ão por mim. Nunca hão- de admitir esta grande Alemanha mesmo diante deles.” (Judt, 2006, p717).

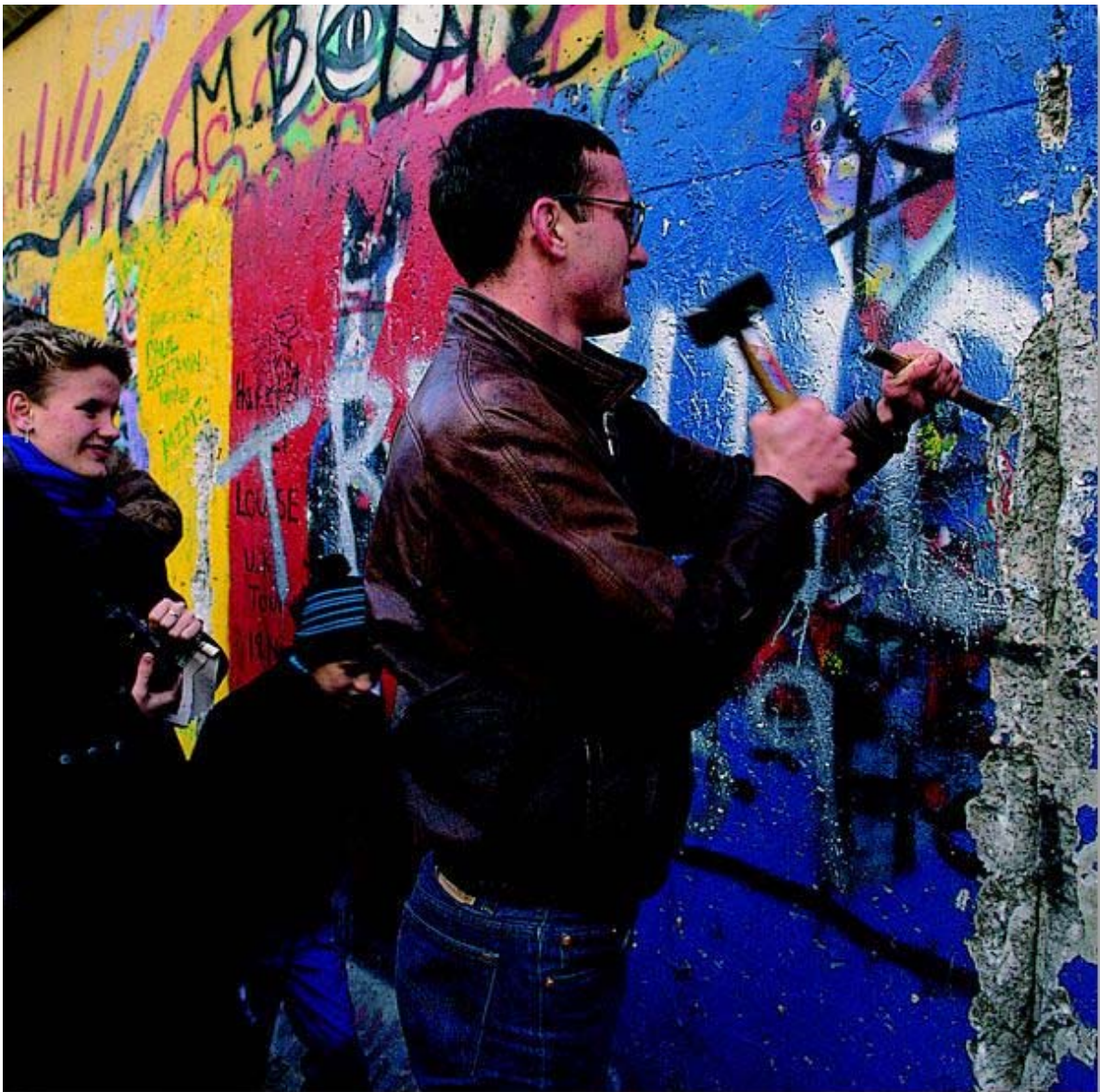


Ilustração 5 A queda do Muro de Berlim (www.googleimages.com)

O ano de 1985 foi de uma extrema importância nas alterações à escala planetária. O maior responsável por estas alterações foi um homem “Gorbachev”. Para os peritos no estudo das Relações Internacionais, foi Gorbachev um dos homens com mais responsabilidades no ruir do mundo bipolar. Contudo, e como mais adiante teremos ocasião de expor, podemos afirmar que a importância do aparecimento de uma nova geração no Kremlin, chefiada por Gorbachev, foi crucial no despoletar do colapso final do império soviético.

Boris Ielstin foi o grande impulsionador da Comunidade de Estados Independentes (CEI), esta última surgiu na sequência da dissolução da União Soviética, em oito de Dezembro de 1991. A CEI é uma organização supranacional envolvendo onze Repúblicas, que pertenciam ao antigo bloco soviético (Arménia, Azerbaijão, Bielorrússia, Kasaquistão, Quirguistão, Moldávia, Rússia, Tadjiquistão, Ucrânia e Uzbequistão), onde ficou estipulado, que cada estado membro poderia manter a sua independência, as outras Republicas da antiga URSS, seriam bem-vindas como novos membros, qualquer República seria livre de abandonar a CEI após ter anunciado essa intenção com um ano de antecedência. Os estados membros da CEI deveriam trabalhar em conjunto de forma a estabelecer economias de mercado e incentiva-se a livre iniciativa. Há quem defenda que a Comunidade de Estados Independentes (CEI) é uma resposta artificial à restauração de uma unidade. (www.wikipedia.org)

III. A CRISE

3.1 OS FACTORES ECONÓMICOS DA DESINTEGRAÇÃO DA URSS

A economia soviética assentava num sistema de planificação, em que os métodos administrativos predominavam sobre os métodos económicos. O instrumento fundamental utilizado na planificação era o das balanças, que vai ser usado para comparar a matéria-prima ou categoria de produtos, a oferta e a procura. Dentro da oferta, temos essencialmente a produção planificada das empresas e as importações, enquanto que na procura, temos as necessidades e as encomendas das empresas. Os preços soviéticos eram muito baixos ou muito elevados, em relação ao equilíbrio entre a oferta e a procura.

O sistema de planificação soviético estava organizado da seguinte forma: dividido em três escalões:

- 1) O centro
- 2) Os ministérios organizados por sectores
- 3) As empresas

No centro, deparamos com a Direcção do Partido Comunista, o Congresso, o Conselho de Ministros e o Gosplan (Comité de Planificação do Estado da URSS). É este último que controla 70% da produção industrial. Nos relatórios elaborados pelo Gosplan, encontramos uma lista de 270 a 300 produtos, que têm que ser aprovadas pelo Conselho dos Ministros. É o Gosplan que é responsável pela análise e escolha dos produtos mais importantes para toda a economia. Em contrapartida o Gosstab (Comité do Estado da URSS para o suprimento material e técnico) é uma instituição governamental, que possibilita as relações entre fornecedores e clientes. Vai igualmente organizar as trocas entre as diferentes empresas.

Cada Ministério é responsável pela produção de um sector ou de uma categoria de produtos. As empresas estão completamente dependentes dos Ministérios para a elaboração e execução dos seus planos. É o Ministério que nomeia o director da empresa, sendo o único responsável por tudo o que acontecer dentro da firma.

Na economia do bloco, um plano central é imposto às empresas, estando frequentemente desfasado das necessidades das firmas. Tudo girava à volta dos objectivos quantitativos do crescimento do plano. As empresas tinham que respeitar os índices quantitativos do plano. Esta centralização vai ter efeitos perversos na economia da URSS. A produção não vai no sentido de satisfazer as necessidades dos consumidores. O plano dá prioridade aos índices quantitativos, desprezando os índices qualitativos. Cada Ministério preocupava-se com a sua produção sectorial, não existindo o mínimo rigor com a qualidade, levando a que muitos artigos produzidos fossem inadequados às necessidades das empresas pertencentes a outros Ministérios. Esta planificação administrativa origina um desinteresse generalizado por parte das empresas, no que diz respeito à redução dos custos. É um sistema que viciava completamente a economia de todo o bloco, condenando-o ao falhanço. (Roland, 1989, pp 68 a 70).

Taux de croissance annuel moyen en URSS (tableau 1)

	1950-60	1960-70	1970-75	1975-80	1980-85	1986
du revenu national produit	10,6%	7,1%	5,7%	4,4%	3,5%	4,4%
du nombre de travailleurs	4,1%	4,1%	2,5%	1,9%	1,0%	1,1%
de la productivité du travail	8,9%	6,3%	4,6%	3,2%	3,1%	3,2%
de la productivité des fonds fixes productifs	0,3%	-1,6%	-2,8%	-2,8%	-2,8%	-0,8%

Source: Narodnoe Khoziaistvo.

Ilustração 6 Taxa do crescimento medio anual na URSS (AA.VV, 1989, p 120)

A crise económica foi durante muito décadas escondida do Ocidente devido ao secretíssimo do Kremlin. Era mais fácil obter informações económicas pelos jornais Americanos do que esperar pelas estatísticas do estado soviético.

Segundo o autor Victor Kouznetsov houve dois grupos específicos de factores económicos que fragilizaram toda a estrutura que assegurava a unidade da URSS. O primeiro

grupo engloba os vícios orgânicos que são próprios do sistema socialista soviético. Esses vícios manifestaram-se das seguintes formas:

- a) Por uma fraca produtividade do trabalho e do capital, devido à ausência de competitividade entre as empresas.
- b) Por lentos progressos no sector da investigação científica e tecnológica, devido à excessiva centralização do poder.
- c) Por um défice público muito elevado (armamento e despesas militares) que prejudicou automaticamente os sectores sociais como o ensino, a saúde e a cultura.
- d) Para se atingir objectivos não se olhava a custos. Os gestores estavam ao abrigo da concorrência e os trabalhadores ao abrigo do desemprego, não havia preocupação em relação ao consumidor.

A exploração das matérias-primas e o duplo conceito de mobilização de massas e industrialização eram os dois pilares do modelo de crescimento económico soviético. Na década de 70 surgem os primeiros problemas ligados ao atraso significativo de certas áreas como a ciência, a educação, a saúde, a cultura e outros serviços. As indústrias de carvão e de petróleo e de engenharia eléctrica sofrem as primeiras crises.

Com a morte de Brejnev, a paralisia económica atinge o seu auge. A URSS estava coberta de fábricas em construção em que 85% ficam inacabadas, sendo os gigantescos créditos totalmente desperdiçados. A planificação burocrática pretendia regulamentar todos os aspectos da actividade económica, acabando por bloquear o seu funcionamento.

Victor Kouznetsov defende ainda, que o segundo grupo teve a sua origem no período da Perestroika de Gorbachev. Este grupo está ligado á forma como emergiu a reestruturação, á maneira como as reformas foram postas em prática entre 1985/1991 e os resultados negativos dos esforços feitos pelos reformadores .Os objectivos das reformas foram alterados varias vezes. Existia uma estratégia conhecida por «aceleração» que não obteve resultados. Um dos objectivos das reformas era introduzir em todos os sectores da economia novas tecnologias e novos equipamentos.

Pensa-se que as reformas radicais estiveram na origem do desmoronamento económico. Os dirigentes do partido comunista (de Andropov a Gorbachev) e do estado lançaram a Perestroika por razões que nada tinham a ver com os defeitos orgânicos da economia soviética. Esses defeitos já existiam desde da industrialização nos finais dos anos 20 e constituíram um travão á realização das aspirações do povo e do poder. Mas não impediram que objectivos prioritários fossem atingidos tais como a criação e a manutenção de um complexo militar-industrial cobiçado internacionalmente e considerado como sendo o maior exército do mundo. Tais realizações comprometeram outros sectores da vida social principalmente a indústria produtora de bens essenciais. Assim as reformas implementadas pelo poder central afectaram o volume do PIB, a estrutura da produção e a distribuição dos rendimentos.

Durante as duas últimas décadas do século XX, a economia soviética abrandou ligeiramente, mas não se encontrava muito longe dos padrões mundiais. As principais causas que travariam o crescimento da economia soviética, a longo prazo eram as seguintes :

1. Fraca produtividade
2. Baixo crescimento da população activa devido a causas demográficas.

A economia socialista possui uma característica muito peculiar que era a capacidade de pôr em pratica dispendiosos programas de armamento. O poder político totalitário consegue mobilizar recursos financeiros e materiais para fins estratégicos, sendo os salários, os preços, os impostos (etc..) estipulados administrativamente e os lucros são distribuídos em favor das indústrias ligadas ao armamento. Sempre que havia necessidade de ultrapassar os EUA nos sectores da industria nuclear, cósmica, aeronáutica e química eram mobilizados recursos que permitiam a sua realização e isso em nome da protecção da pátria. O equilíbrio da balança comercial (com países não socialistas) era conseguido á custa da venda de armas, petróleo e energia e em contrapartida existia uma total dependência em termos alimentares e de equipamento. As industrias estavam totalmente dependentes do planeamento dos Ministérios. (Kouznetsov, pp. 259 a 276)

Gorbachev refere-se à deficiência da máquina económica da seguinte forma:

É sobretudo a falta de estímulos internos para o autodesenvolvimento. Na verdade, através do sistema planificado de indexações, à empresa são fixados objectivos e recursos. Praticamente todas as despesas ficam cobertas, as vendas de produtos são essencialmente garantidas e , o mais importante, os salários dos empregados não dependem dos resultados finais do trabalho do colectivo: isto é, o cumprimento de obrigações contratuais, qualidade de produção e lucros. Um tal mecanismo vai provavelmente produzir trabalho de média e até de fraca qualidade, quer gostemos, quer não. Com pode a economia progredir se cria condições preferenciais para empresas atrasadas e penaliza as avançadas ?“(Gorbatchev,1987, p 97).

I

Ilustração 7 (Kennedy, p 16)

3.2. Indústria

O sector industrial verificou dificuldades que levaram á estagnação da sua produção. Tinha falta de estímulo empresarial, não existia concorrência entre as empresas e nunca se falava em falência porque o estado tapava os buracos existentes.

Paul Kennedy no seu livro « Desafios para o século XXI », defende que os problemas começaram a surgir com o aparecimento de novas tendências. As novas industrias viradas

para o consumidor (com elevada rentabilidade) com ampla expansão audiovisual em que a iniciativa privada teria de desempenhar um papel importante, não tiveram eco na URSS. Os dirigentes do Kremlin sabiam que não podiam aceitar todas as mudanças porque elas levariam ao fim da censura, do controlo da sociedade, da ortodoxia e do monolitismo do partido. Assim as industrias soviéticas continuaram ligadas às industrias típicas dos anos 30, com forte componente na industria pesada. As infra-estruturas destas industrias estavam totalmente obsoletas levando a uma fraca produtividade do trabalho e a uma medíocre qualidade produtiva. A prioridade concedida á actividade militar veio prejudicar os investimentos na produção de bens de consumo, nas industrias de extracção de matéria prima, no sector energético, na construção mecânica, na agricultura, na saúde e na educação. De ano para ano crescia o fosso entre a tecnologia relativamente moderna do complexo militar - industrial e os outros sectores da economia. As pessoas que trabalhavam no sector ligado ao armamento eram melhor remuneradas levando á falta de motivação das pessoas ligadas a outras áreas da economia soviética. Os custos das matérias primas, da energia e da mão de obra começam a subir. A extracção de petróleo tornava-se cada dia mais caro, a energia foi em grande parte desperdiçada devido ao laxismo dos gestores e á falta de cuidado dos trabalhadores. Os dirigentes soviéticos tentaram ultrapassar a situação construindo centrais nucleares e tentando explorar novas fontes de energia como por exemplo o gás natural. Os abundantes recursos naturais eram gastos de uma forma indiscriminada levando ao desaparecimento destes últimos ou então elevando o custo da extracção. Este autor acha, que as enormes burocracias e a obediência às regras do Politburo travaram qualquer tentativa mais atrevida de remodelação. (Kennedy, 1993, pp. 16 e 17)

Victor Kouznetsov refere a importância de Yuri Andropov, responsável pelo KGB que levou a cabo um estudo analítico em que os resultados foram decepcionantes. Os grandes recursos mobilizados já não eram suficientes para alcançar o grau de desenvolvimento da indústria norte americana ligada ao sector militar. A produção de novos materiais, de computadores potentes e de outros aparelhos cósmicos necessitavam de uma metalurgia moderna, de máquinas de rendimento elevado e de alta qualidade, que a URSS não possuía. Alguns investigadores soviéticos estavam a par dessas novas tecnologias, mas não podiam pô-las em pratica, uma vez que não possuíam indústrias capazes de servir de suporte á produção. Este autor refere ainda que a partir do outono de 1990 e pela primeira vez desde a 2ª Guerra Mundial, a produção industrial começou a baixar de uma forma significativa (AA.VV, 1998, pp. 262,263 e 264)

Andrei Kortunov no capítulo intitulado «L'Occident et la Désintégration de l'URSS» expõe o seguinte: Nos finais dos anos 70 os norte americanos começaram a evocar a possibilidade da criação de uma nova geração de armas relacionadas com a « conquista do espaço » e que era credível de ser posta em pratica devido aos progressos tecnológicos alcançados por estes últimos. Mas os dirigentes soviéticos chegaram á conclusão que era inevitável uma transformação social de grande amplitude que permitisse conservar a tradicional estratégia de confrontação com o ocidente. As novas tecnologias militares exigiam uma modernização total da industria assim como uma maior motivação por parte dos assalariados.. Ao incitar monetariamente e materialmente os trabalhadores, as novas tecnologias iriam produzir os seguintes efeitos:

- 1 baixar o custo unitário
- 2 maior qualidade dos bens produzidos

O sistema industrial soviético era altamente poluente e não existiam verbas para a sua modernização. A URSS apercebeu-se que não tinha capacidade para acompanhar os EUA na “Guerra das Estrelas”, porque houve cortes significativos nas despesas a nível militar (AA.VV,1998, pp 377 , 378 e 379)

Technologies de base	Avantage américain	Egalité USA-URSS	Avantage soviétique
Aérodynamique (dynamique des fluides)		○	
Ordinateurs et logiciels	○		
Têtes conventionnelles (incluant les explosifs chimiques)		○	
Energie dirigée (laser)		○	
Senseurs électro-optiques (incluant l'infrarouge)	○		
Guidage et navigation	○		
Sciences de la vie (facteurs humains et biotechnologie)	○		
Matériaux (poids légers, haute intensité, haute température)	○		
Matériaux de micro-électronique, fabrication de circuits intégrés	○		
Têtes nucléaires		○	
Optique		○	
Sources d'énergie (mobiles, incluant le stockage d'énergie)		○	
Production/construction (incluant le contrôle automatique)	○		
Propulsion (aérospatiale et véhicules terrestres)	○		
Senseurs radar	○		
Robotique et intelligence artificielle	○		
Traitement des signaux	○		
Réduction des signatures	○		
Détection sous-marine	○		
Télécommunications (incluant les fibres optiques)	○		

Source : Chef d'état-major inter-armes américain, Washington, 1986.

Ilustração 8, Dados da hegemonia dos USA no armamento

3.3. A Agricultura

A agricultura é igualmente uma das áreas mais críticas da ex-URSS. Por volta dos anos 70 a URSS passou de exportador de cereais (trigo e milho) . Os ex - dirigentes do império tentaram criar alternativas afim de contornar este problema mas nunca o conseguiram. Com receio que o nível de vida da população baixasse, a URSS investiu milhares de milhões na agricultura, para além de alguns alimentos serem subsidiados. Alguns factores naturais estiveram na origem do problema agrícola criando barreiras que dificultaram o bom desempenho deste sector como por exemplo os invernos frios, geadas fortes, terrenos áridos.

Henri Denis diz que o facto dos camponeses guardarem para o seu consumo pessoal uma grande parte das colheitas, fez com que as cidades não chegassem a ser devidamente abastecidas. Ele afirma que os preços agrícolas são muito elevados, sendo o preço de revenda na indústria nacionalizada mantido muito elevado, em relação ao passado, por causa da falta de disciplina no trabalho, os lucros conseguidos no sector industrial chegam a ser baixos ou mesmo nulos. Para agradar ao povo usavam os subsídios para manter os preços dos alimentos mais baixos distorcendo assim a lei da oferta e da procura. Os agricultores não possuíam autonomia para desenvolver as suas actividades mas limitavam-se a cumprir directrizes relativamente à forma como deveriam ser feitos os investimentos. A liberalização na URSS nunca chegou a acontecer porque a «elite» temia que isso levasse ao fim do seu domínio político. Assim a falta de organização na decisão e deficiente conservação e distribuição dos produtos eram barreiras difíceis de ultrapassar. A grande maioria dos bens produzidos nem sequer chegavam aos mercados , porque os camponeses ricos escondiam grande quantidade de cereais. Houve uma tentativa de solucionar esta má distribuição dos cereais e para isso o sector agrícola foi incorporado no sector socialista, ou seja tinha que obedecer ao plano. Esta foi a única forma encontrada para assegurar um abastecimento mínimo aos habitantes da cidade. As cidades tinham realmente uma necessidade primária de serem abastecidas, porque com o desenvolvimento da indústria, a população citadina aumenta de uma forma considerável. Pode-se assim concluir que em termos agrícolas a planificação soviética assenta nas directivas de produção dadas às empresas e nas autorizações de compras que lhe são dadas.(s/d, pp 686, 687, 690, 691)

Gérard Roland caracteriza a agricultura soviética como sendo formada por lavradores «funcionários». A agricultura do bloco tinha um funcionamento dependente do Estado. Em 1987 os Sovkhozes formavam 45% das superfícies cultivadas. Os administradores dessas herdades eram nomeados pelos organismos ligados ao Ministério da Agricultura e os trabalhadores tinham um salário fixado pelo Estado. A área média de um Sovkhoz era de 16.000 hectares e tinham cerca de 515 trabalhadores. Existem outro tipo de propriedades, os Kolkhozes, que representam 53,6% das superfícies cultivadas e que são propriedades agrícolas colectivas e cooperativas, em que os meios de produção e o que é produzido é unicamente da responsabilidade da própria herdade. Os Kolkhozes médios podem ser formados por várias aldeias, têm a volta de 460 trabalhadores e uma área que ronda os 6.400 hectares. O presidente deste tipo de propriedade é imposto pelos órgãos locais do partido. Os trabalhadores da herdade vão receber o seu salário em função dos lucros da produção. Na prática este autor defende que não existe diferença entre a gestão dos Sovkhozes e dos Kolkhozes uma vez que os responsáveis locais do partido dão orientações sobre aquilo que tem que ser produzido, em que altura do ano e a forma como tem que ser feito. Os agricultores utilizavam parte das colheitas para consumo próprio, levando a que alguns produtos nem sequer chegassem às prateleiras das mercearias rurais. Este autor afirma ainda que a agricultura soviética encontrava-se estagnada. Durante a governação de Brejnev a agricultura foi considerada como sector prioritário e por isso beneficiou de alguns investimentos consideráveis. Em algumas regiões os investimentos duplicaram mas nem por isso houve um aumento da produção. Nos processos de armazenamento, parte da produção é desperdiçada prejudicando a comercialização dos produtos. (AA.VV, 1989, pp 71 a 75)

No entanto durante o arranque da Perestroika houve um ligeiro aumento na produção que coincidiu com bons anos agrícolas e que originou uma consequente subida da popularidade de Gorbachev que rapidamente se viria a dissipar. Grandes parcelas de terrenos foram cedidas aos agricultores para produzir e suprir a escassez de cereais, mas esta oportunidade não foi devidamente aproveitada porque apostaram em agriculturas mais rentáveis como a produção de frutos e vegetais que depende fortemente das condições climáticas e que estava por isso à partida condenada pelos invernos longos e rigorosos

Pode-se assim concluir que a agricultura do bloco soviético não era devidamente planificada e que não ia ao encontro das necessidades reais da população.

3.4 Saúde, condições sociais e ambiente

A saúde pública possuía baixos padrões de sanidade e higiene, mesmo tendo em conta a existência de umas das maiores taxas de médicos por mil habitantes. A falta de acessibilidade a regiões periféricas assim como o extenso território deixava muita gente fora do alcance médico. Contrariamente às tendências que se verificavam no Ocidente, a taxa de mortalidade infantil estava a subir na década de 80 na URSS. Os Soviéticos defrontavam-se no dia a dia com um flagelo social que era o alcoolismo, nomeadamente nos locais de trabalho.

Citando ainda Franco Nogueira que afirmou:

“ No bloco colectivista, ao direito ao trabalho, ao direito à habitação, ao direito à cultura e à saúde, foi dada a prioridade absoluta e esta anulou o direito à liberdade, à expressão oral e escrita do pensamento, à participação activa na vida pública, às vezes até ao direito à vida – porque num Estado Marxista – Leninista todo o homem está ao serviço, não do país ou do povo, mas do próprio Estado e por isso este tem de possuir a totalidade desse homem. Negou-se a liberdade de espírito; não houve margem para a aventura e a fantasia pessoal”.(Nogueira, 2000, p 170).

Andrei Kortunov refere ainda que entre o final dos anos sessenta e o início dos anos setenta, houve alterações profundas em termos sociais, nomeadamente no que diz respeito ao sistema educativo, que até aqui funcionava bem. As infra-estruturas sociais, o sistema de saúde rapidamente ficaram obsoletos. Os transportes públicos deixaram de funcionar bem e os veículos não eram substituídos e havia falta de segurança nas ruas.(AA.VV, 1998, p 370).

A poluição era igualmente um factor que preocupava os Soviéticos, eles usavam gasolina de má qualidade e os gases de combustão dos motores eram muito poluentes. As indústrias possuíam equipamentos arcaicos e os resíduos industriais não eram tratados. Não existia o mínimo de respeito pelo meio ambiente nem pela população. A emissão de carbono e outras prejudicaram gravemente a atmosfera, bosques e rios e fez aumentar os riscos para a saúde entre as populações locais. Alguns lagos secaram devido ao uso disparatado de água na irrigação agrícola e, como já vimos, sem contrapartida em termos de produção. Rios e lagos foram afectados com descargas dos desperdícios industriais e químicos. A URSS estava assim a caminhar de uma sociedade de 1º mundo para uma sociedade de 3º mundo. (Kennedy, 1993, pp 28 e 29).

Tony Judt declara que: “Durante o socialismo era o Estado que poluía. Mas era a sociedade que sofria e por isso a poluição era assunto com que toda a gente se preocupava”. Nesta época ninguém tinha interesse em tomar medidas preventivas, as autoridades não sancionavam os comportamentos que prejudicavam o meio ambiente e a saúde pública.(Judt, 2006. p 645)

Ivan Klima, num conto intitulado *Uma conspiração de Natal*, descreveu o que era sair para as ruas da capital checa: «O escuro e frio nevoeiro cheirava a fumo, enxofre e a irritabilidade». ¹

Geneviève Delaunoy refere ainda que a poluição e os desastres ecológicos levam ao descontentamento das Republicas. Estas últimas opunham-se à construção de novas indústrias poluidoras e degradantes para o meio ambiente. Por esta razão, as Republicas Balticas vão ser pioneiras na luta pela sua independência económica, considerada por eles como antecâmara da independência política. A frente popular da Letónia denunciou os crimes absurdos provocados pela economia soviética ou seja a colonização industrial forçada e a destruição do meio ambiente. (AA.VV, 1989, p 158)

¹ In Judt Tony, Pós-Guerra, História da Europa desde 1945, Lisboa, Edições 70, lda, 2006, p 645

Jean Ellenstein, no capítulo *Ordre communiste, réformes capitalistes?* afirma que inicialmente Gorbatchev contentou-se em retomar a política de Andropov: luta contra o alcoolismo, luta contra o absentismo, luta contra o trabalho no mercado negro e queria impor a disciplina. Todas estas medidas fracassaram e levaram a algumas consequências perversas porque a economia da “sombra” constituía uma parte importante da produção e dos rendimentos. Era como o embrião de uma economia de mercado sob as suas formas mais sumárias. Os rendimentos da população diminuíram o que levou ao isolamento de alguns. Os níveis de corrupção também inquietavam os dirigentes soviéticos mas não conseguiam acabar com este fenómeno. (AA.VV, 1998, pp 175 e 176).

3.5 Chernobyl e as suas consequências

O desastre de Chernobyl teve um papel de destaque na evolução dos acontecimentos na URSS. Inicialmente as pessoas não se aperceberam da gravidade da situação aquando da explosão do reactor número 4, continuaram a viver sem dar importância à libertação e exposição radioactiva. Mas foi a partir desta catástrofe que houve por parte dos Soviéticos uma desconfiança em relação ao progresso da ciência. As centrais nucleares começaram a ser vistas como um perigo, uma vez que estas últimas encontravam-se junto das cidades. À medida que os anos passavam a dependência soviética da energia nuclear foi aumentando.

Eles tinham como ambição duplicar as centrais nucleares até ao ano 2000 e isto porque tinham dificuldade em explorar os campos de petróleo e de gás na Sibéria. Com o acidente de Chernobyl, a energia deixou de ser vista apenas em termos comerciais.

Em termos internacionais denotou-se alguma agitação e preocupação na urgência em minimizar as consequências de Chernobyl. A imagem de Gorbatchev sai denegrida deste episódio por várias razões:

- 1) Secretismo sobre a questão.

- 2) Ausência de pedido de desculpas pela nuvem de radioactividade que sobrevoou os países da Europa do Norte.
- 3) Apenas tardiamente é que Gorbachev utilizou este episódio para iniciar o diálogo com o Ocidente.

IV A CRISE ÉTNICO-SOCIAL

4.1 Influência dos valores culturais e influências externas

A elite intelectual soviética, como por exemplo o Prémio Nobel da Literatura de 1970 Alexandre Soljenitsyne e o também laureado físico Andrei Sakharov, tiveram um papel preponderante na crise de todo o bloco. Estes intelectuais, assim como muitos outros, foram consciencializando a sociedade através dos seus escritos e das suas posições públicas.

A Comunidade Europeia exerceu igualmente um papel importante, uma vez que serviu de centro de atracção não só em termos económicos como também em termos culturais junto dos países do Leste Europeu.

A educação foi profundamente difundida e a URSS possuía um elevado número de cientistas competentes. As fileiras da “Intelligentsia” foram crescendo mas esta última sentia-se oprimida porque não existia liberdade de expressão.. (AA.VV, 1998, p 175)

Segundo **Anne de Tanguy** o Ocidente estava muito próximo com o seu elevado nível de consumo, o seu Rock, a sua TV, os seus livros, os seus computadores, os seus carros, o seu turismo, o seu alto nível de vida exercia uma atracção muito forte nos Soviéticos, na medida em que era uma população sofrida desde dos anos da Revolução, da Guerra Civil e da II Guerra Mundial. O regime soviético dificilmente se poderia manter afastado da influência ocidental porque persistia um clima de descontentamento em relação ao seu modo de vida. Eles cobijavam os ideais de liberdade, o fácil acesso aos bens de consumo, a qualidade de vida que se fazia sentir nos países ocidentais. A Igreja Católica representada por João Paulo II e figuras públicas como Lech Walesa, foram os grandes impulsionadores dos grandes acontecimentos na Polónia em 1989. (AA.VV, 1998, pp 8, 9 10, 15)

Edgar Morin no seu livro “Os problemas do fim do século” refere ainda que a mulher de Gorbachev destacou-se igualmente na sua posição porque era uma mulher culta e

aberta aos novos ideais expressos nas obras dos escritores proibidos durante toda a época liderada por Brejnev. Os jovens pertencentes às classes mais abastadas e ligadas ao governo desempenharam um papel crucial porque criticavam e aspiravam a algo mais para o seu país. Há muito que a Rússia fora atirada para o estatuto de membro de 3º Mundo, carecendo da ajuda económica e tecnológica do Ocidente. Este meio intelectual esteve na origem do “ novo pensamento”. (Morin, 1991, p 48).

A revolução interna passa pela implementação da Perestroika e da Glasnost e vai defender acima de tudo a transparência. Assim, no Verão de 1990, a Glasnost vai impor a liberdade de expressão e de imprensa. A Glasnost permitiu que houvesse uma libertação da informação, da imagem, da palavra e da ideia, dando lugar à participação de toda a classe intelectual que até agora vivia reprimida sem poder manifestar-se sobre a vida política e económica da URSS. A Intelligentsia proclamava a necessidade de se divulgar todos os factos da vida política, de dar a conhecer a verdade e não a mentira. Assim, esta elite, graças à Glasnost, foi tendo um papel activo nos Mass Media, abrindo o caminho para a vida democrática. A Glasnost permitiu a democratização de toda a vida intelectual e política do Bloco de Leste.

.

Muitas estações de Rádio eram ouvidas pela classe intelectual soviética e pelos estudantes que aos poucos foram se apercebendo do fosso existente entre os dois mundos.

O Turismo vai igualmente ter um papel de destaque na divulgação de novos ideais. Algumas elites do Bloco de Leste (militares, desportistas) tiveram oportunidade de se deslocar aos países ocidentais onde verificaram com espanto uma outra forma de vida, com mais liberdade e mais fartura no que diz respeito aos bens de consumo.

4.2 Os factores étnicos e os nacionalismos

Os quatrocentos anos de expansionismo Russo a partir de Moscovo provocaram uma tensão entre o centro e a periferia. Esta crise da União assenta na heterogeneidade étnica existente. Constitucionalmente a Federação era composta por quinze Repúblicas nominalmente independentes, representando cada uma destas um grupo étnico. Nestas Repúblicas era frequente encontrar subgrupos étnicos.

Segundo **Nadine Marie** para se perceber a origem desta crise convém distinguir e analisar as causas estruturais e circunstanciais que levaram à ruptura entre o Estado e a sociedade. Entende-se por causas estruturais, a política das nacionalidades, o monopólio do Partido, a ausência de Liberdade e a estagnação da Economia.

A União Soviética foi constituída a 30 de Dezembro de 1922 e era composta por 6 Repúblicas: as Eslavas (Rússia, Ucrânia e Bielorrússia) e as três Repúblicas do Cáucaso (Azerbaijão, Arménia e Geórgia. Em 1936 juntaram-se à União Soviética os territórios da Ásia Central: Turquemenistão, Uzbequistão, Tadjiquistão e Kirguisistão. Finalmente, em 1940 completa-se o processo de expansão da URSS com a entrada da Moldávia e das três Repúblicas do Báltico: Estónia, Letónia e Lituânia.

Estas últimas foram anexadas à URSS na sequência do Pacto Germano Soviético, assinado em 1940 por Von Ribbentrop e Molotov, Ministros dos Negócios Estrangeiros de Hitler e Estaline e contra a vontade das populações

A União Soviética encarnada pelo partido comunista governava, decidia tudo e impunha a sua lei ao conjunto das Nações que a constituíam, deixando apenas uma margem curta de autonomia, que era usada para pôr em prática as decisões tomadas pelo poder do Centro. A Rússia detinha o papel de “Mãe Pátria”. Foi na Rússia que se deu a Revolução de Outubro, lá foi concebida a 1ª Constituição Soviética de 1918 e foi a grande impulsionadora da URSS. No seu discurso de 24 de Maio de 1945, aquando da celebração da vitória da Segunda Guerra Mundial, Estaline oficializou o papel predominante da Rússia, qualificando-a

de “Nação dirigente da URSS”. Já antes do conflito de 1939-45, muitas minorias nacionais eram deportadas porque eram acusadas de colaboração e de traição. A Russificação das Nações que povoavam o Império vai igualmente fazer-se sentir no plano cultural, por uma tentativa de subordinação das culturas à cultura Russa. O ensino e a prática da língua Russa era imposta a todos. Eram nomeados sistematicamente líderes russos à frente dos partidos nacionais. A transferência de população e os ajustamentos de fronteiras durante o governo de Estaline levou ao desencadeamento de problemas inter-étnicos . Durante algumas décadas essas tensões foram apaziguadas pela polícia estatal soviética e pela necessidade de todos unidos lutarem contra o inimigo capitalista e fascista. Este equilíbrio foi quebrado com o fim da ameaça alemã. As pessoas que falavam Russo conseguiam uma ascensão social mais rápida. As várias nacionalidades nunca puderam exprimir as suas aspirações com medo de serem reprimidas. A partir de 1933 Estaline organiza a caça ao Nacionalismo Ucrâniano no partido, levando ao suicídio do dirigente Skypnyk. Mais tarde, com Brejnev, alguns escritores foram perseguidos e castigados por escrever livros que denunciavam o esmagamento do pensamento, discriminação da língua e cultura Ucrâniana. Qualquer movimento de reivindicação era automaticamente reprimido. Em 1956 a Hungria e em 1968 a Checoslováquia tentaram a sua emancipação em vão, sendo reprimidas pelos carros de combate do Exército Vermelho.

A Constituição de 1977 define no artigo 6 o seguinte: o partido é a força que dirige e orienta a sociedade soviética, é o núcleo do seu sistema político, das organizações do Estado e das organizações sociais. O partido concentra todo o poder nas suas mãos, o seu monopólio estende-se a todos os sectores da vida política, económica e social. Pode-se dizer que a URSS foi um falso Estado Federal. As Repúblicas federais apenas tinham liberdade para solucionar questões de importância local. O Conselho dos Ministros da URSS exerce um poder soberano por intermédio dos Ministérios Federais. Assim, o monopólio de poder do Partido Comunista induz à ausência de liberdade e impede a evolução da sociedade. O auge do Totalitarismo Político foi atingido na era de Estaline em que nem os mais básicos Direitos do Homem eram respeitados. Com Brejnev, os dissidentes continuaram a ser perseguidos mantendo-se as restrições quanto à liberdade de expressão, de criação artística, de constituir sindicatos independentes e liberdade de sair do território.

O Samizdat² era o meio que os dissidentes utilizavam para difundir os seus ideais e para informar dos eventos ocultados pelo poder. Estes combates fragmentados e realizados de uma forma marginal vão estar na origem da ruptura entre o Estado e a Sociedade, ruptura esta que será apenas consumada com a Perestroika e com a política de Glasnost, levando ao desmantelamento da URSS.

As causas circunstanciais vão estar relacionadas com os seguintes pontos:

Após a morte de Estaline, Beria, então Ministro do Interior transfere a administração dos campos Gulag para o Ministério da Justiça onde é concedida uma amnistia aos condenados por cinco ou mais anos. Beria propõe igualmente a reunificação da Alemanha

O relatório Kroutchev no XX Congresso do Partido em Fevereiro de 1956 revelava os crimes de Estaline e este acontecimento abalou todo o sistema soviético. Kroutchev apenas garantia a vida salva aos Nomenklaturistas.³

Os abalos nos países “Irmãos”. Em 1953 os operários de Berlim Leste revoltaram-se. Em 1956 dá-se o “Outubro Polaco” onde há uma mudança na direcção do Partido Polaco. No mesmo ano, a insurreição Húngara é esmagada pelos tanques do Exército Soviético. (AA.VV, 1998, pp 101 a 109).

Maurice Vaisse refere ainda no seu livro a importância do episódio ocorrido em 1968, quando a Checoslováquia tenta instaurar um socialismo mais humano, mas esta tentativa levou a uma intervenção militar por parte das tropas do Pacto de Varsóvia, de forma a limitar um possível contágio na URSS. A 26 de Agosto desse ano, são assinados os acordos de Moscovo, que têm como objectivo limitar a liberalização e as reformas iniciadas. Houve um estacionamento temporário de tropas soviéticas em território Checoslovaco. A URSS tentou impor uma nova interpretação do Pacto de Varsóvia, mas esta atitude foi muito mal recebida e

² O Samizdat era um tipo de jornal publicado clandestinamente na URSS. Tinha como objectivo principal criticar o estado da Nação, servia para debater novas ideias, sentimentos religiosos, afirmações nacionalistas...

³ Pessoas que detinham cargos públicos e por isso eram controlados pelo Partido. Esta palavra designa a classe social possuidora de poder e de privilégios.

países como a Roménia e a Albânia pertencentes ao Pacto insurgiram-se, levando a Albânia a abandonar este último.

Entre 5 e 17 de Junho de 1969 vão reunir-se setenta e cinco partidos comunistas e esta conferência ficou marcada pelo facto de significar o fim do monolitismo e proclamou-se o princípio das diferentes vias para o socialismo.(Vaisse, 2005, pp 120 2 121)

Segundo o autor Tony Judt, a crise na Polónia começou já nos anos 70, já nessa altura os trabalhadores protestavam contra a incompetente e repressiva administração da economia pelo Partido. A população queixava-se dos aumentos dos preços e da repressão. Em 1981 a Polónia proclama o Estado de Guerra afim de pôr fim à orientação dita Democrática defendida pelos Soviéticos. O enfraquecimento da URSS já se fazia sentir nesta altura porque esta última recusou-se a enviar ajuda militar porque receava consequências catastróficas no Plano Internacional. Em Agosto de 1989, a constituição do Solidarnosc foi o ponto de partida no desencadeamento de mudanças neste país. (Judt, 2006, pp 683 a 686)

O fim da Era de Brejnev fica marcada pelo enfraquecimento do aparelho central. Brejnev trouxe à Nomenklatura a paz, a segurança necessária para o desenvolvimento do poder local. Este clima de estabilidade favoreceu a formação de Máfias regionais que se emanciparam do poder local.

A Perestroika e a Glasnost marcam o começo do fim. Na XIX conferência do Partido decide-se a pluralidade das candidaturas às eleições, dando assim voz à vontade das Nacionalidades. Nas eleições legislativas Boris Ieltsin é eleito em Moscovo e vence Brachov, candidato apoiado por Gorbachev.

Em todas as Repúblicas da URSS formaram-se frentes populares, que exprimiam uma vontade de independência do poder central.

As Repúblicas Bálticas nunca se conformaram com a sua anexação à URSS e por isso proclamaram a sua independência em 1990: a Lituânia a 11 de Fevereiro, seguida em 30 de Março, pela Estónia e a 4 de Maio pela Letónia. A URSS apenas a 6 de Setembro de 1991 é que reconheceu a independência destes três estados Bálticos.

A 9 de Novembro de 1989, a queda do Muro de Berlim concretiza o desmembramento do império comunista.

O Golpe fatal surge com a lei de 14 de Março de 1990 que prevê abolição do papel dirigente do Partido.

Após o golpe dos conservadores em 1991, as Repúblicas estipularam que existiriam relações bilaterais, mantendo cada República uma maior independência em matéria orçamental. (AA.VV, 1998, pp 109 a 111).

Como referiu John Lewis Gaddis no seu livro “ A Guerra Fria “, a economia polaca encontrava-se de novo em crise e Moscovo permitiu a realização de eleições em que a grande maioria dos candidatos do movimento Solidariedade ganharam. Assim, no dia 24 de Agosto de 1989 a Polónia é o primeiro país a conseguir um governo não comunista na Europa de Leste do pós-guerra.

Em 1991, quando na Lituânia foram constituídos Comités de Salvação Nacional, Gorbachev mandou tropas para travar as novas autoridades desta República . Os Lituanos deixaram de ter dúvidas quando viram as forças armadas em Vilnius atirar sobre a população indefesa. Os dirigentes das outras Repúblicas, assim como toda a Intelligentsia ficaram chocados e perderam confiança em Gorbachev. As Repúblicas começaram também a partir deste acontecimento a distanciar-se do poder central. Elas receavam que acontecesse a mesma coisa com eles, ou seja uma tentativa de voltar à repressão e ao domínio por parte de Moscovo.

Ainda segundo John Lewis Gaddis não pode ser esquecido o papel que a Hungria desempenhou na tendência de partidos dirigentes lutarem para não ficar para trás. Em 1985, quando Gorbachev chega ao poder, a Hungria possuía a economia mais avançada da Europa de Leste e começava a dar os primeiros passos marcantes no que diz respeito à liberalização política. Gorbachev permitiu ainda que fosse reavaliados os acontecimentos de 1956 e chegou-se a conclusão que fora um “levantamento popular contra um sistema de poder oligárquico que humilhara a nação”. Foi realizado um segundo enterro de Imre Nagy, Primeiro-Ministro mandado executar por Krushev. Esta cerimónia sensibilizou toda a população Húngara. Mas a medida que vai abalar todo o Bloco de Leste foi tomada por Nemeth, e que consistiu na descontinuidade dos fundos para manutenção da vedação de arame farpado ao longo da fronteira entre a Hungria e a Áustria e como ela estava completamente danificada, ele mandou desmantelá-la. Os Alemães de Leste queixaram-se a Moscovo, mas a resposta foi “Não podemos fazer nada”. Este acontecimento permitiu que muitos Alemães de Leste tentassem emigrar. Estes últimos tentaram saltar as vedações das embaixadas em Praga, conseguiram convencer os guardas fronteiriços a abrir os portões, derrubando um muro e reunificando um país. A queda do Muro de Berlim vai atingir a Bulgária, há descontentamento em massa na Checoslováquia e Jugoslávia e desencadeia-se a revolução violenta na Roménia. Os regimes burocráticos da parte Este da Europa explodem finalmente. (Gaddis, 2007, pp 200, 201, 242, 243, 244, 245 e 255).

Genevieve Delaunoy refere ainda que as nacionalidades começaram a reivindicar a sua independência a partir da chegada de Gorbachev ao Kremlin. O seu projecto de Perestroika e sobretudo a Glasnot (possibilidade de poder se exprimir) foi o ponto de partida para a febre das nacionalidades, na medida que já havia “espaço” para se poder falar livremente, nomeadamente acusar e condenar alguns acontecimentos históricos que prejudicaram as populações de algumas Republicas. Este movimento inovador foi herdado das tensões, das injustiças e dos longos silêncios acumulados nas várias Republicas durante os últimos quarenta anos. O fracasso da ideologia Marxista Leninista foi igualmente responsável por este surto de liberdade e de independência. Cada Republica encontrava-se num estado de ebulição, cada uma delas detinha uma identidade própria e possuíam reivindicações específicas. Todas elas mantinham relações tanto ao quanto tensas com Moscovo. Na origem das convulsões nacionais podem estar diferenças religiosas, étnicas ou simplesmente diferenças culturais. Factores históricos como por exemplo, a deportação em massa de Alemães do Volga e de

Tatars da Crimeia, durante a era de Estaline foi igualmente denunciado. Estes acontecimentos acabam por falar mais alto do que qualquer reivindicação exigida pelas Nações em causa. Segundo Delaunoy, viviam-se tempos de mau estar na Rússia. Os Russos estavam perante uma grave crise de identidade, originada pela descrença nos valores Marxistas-Leninistas. Consideravam-se mal amados e incompreendidos. Perante o surto de Liberalismo que se faz sentir nos outros Estados, os Russos colocados fora da “Mãe Pátria” têm tendência em defender a posição dos conservadores e opõem-se à vontade de independência das restantes catorze Republicas. Defendem o socialismo e o “Statu Quo” ideológico e geo-político.

(AA.VV, 1989, pp 157, 158 ,160 e 161)

V. A CRISE MILITAR

Durante muitos anos a URSS foi considerada uma das duas super potências militares do mundo. Estaline e os seus sucessores usavam as forças armadas de forma a desempenhar um papel preponderante nos assuntos mundiais. A URSS possuía um forte sistemas de armas, quer nucleares, quer convencionais.

Em termos militares as dificuldades foram chegando, uma vez que o bloco soviético tinha dificuldade em igualar-se ao Ocidente e ao Japão. A cibernética era vista como sendo uma ciência burguesa. Os Soviéticos tinham por isso um atraso significativo em termos de armamento ligado ao hardware e software. Este atraso criou um mal estar entre as forças armadas e os seus comandos. Gorbatchev defendia a redução das despesas, a nível militar e por isso o sistema militar distancia-se cada vez mais do progresso, o descontentamento é cada vez maior, a perda de privilégios por parte do exército acentua-se, pondo em risco o equilíbrio do bloco soviético e do mundo. O Ocidente ainda hoje tem dificuldade em perceber com é que a segunda maior potência militar do mundo não conseguiu reagir aos movimentos independentistas das Repúblicas.

Laure Mandeville defende que existiam razões que incapacitaram o exército Russo de agir contra o desmantelamento da URSS, são elas:

1) Razão Histórica : tradição de não intervenção na política. Os Soviéticos defendem que o exército não deve de forma alguma intervir nas disputas políticas porque isto levaria à desunião dentro do sistema. Existia uma preocupação de não ingerência do exército na vida política do bloco. Era uma tradição que teve a sua origem no domínio Czarista, em que os militares apenas se limitavam a ser os executantes das decisões tomadas pelo poder político. O exército apenas tinha um programa político, que era o “Juramento à Pátria”. Ele tinham que zelar pelo respeito das leis e pela ordem. A Instituição militar estava totalmente subordinada ao Partido Comunista. Os líderes militares encontravam-se afastados dos problemas sócio-

políticos e por isso não tinham conhecimento daquilo que se estava a passar na URSS. Existia uma incapacidade total na tomada de decisões, tornando possível o desmantelamento do bloco soviético sem a intervenção do exército.

2) Democratização do exército e descrédito crescente no Partido Comunista e nas élites. Com a Glasnost, muitos oficiais tomaram conhecimento da corrupção, do despotismo e dos ineficazes métodos usados pela velha hierarquia militar. Vários sindicatos militares são constituídos à margem do sistema. No seio da desordem que se vivia, surge uma necessidade por parte dos mais jovens oficiais de reformar o exército. As políticas favoráveis à manutenção da União Soviética contribuíram para a divisão dos militares e à aproximação destes últimos a Boris Ieltsin, abandonando Gorbatchev e o império. O impacto da guerra do Afeganistão e os conflitos étnicos da Era Gorbatchev, que o exército teve de reprimir, aceleraram a crise da identidade militar. Os democratas ganharam terreno no seio do exército. Os conflitos em Tbilissi, em Soumgait e em Vilnius traumatizaram os militares porque estes últimos não foram orientados pelos seus chefes políticos e por isso não souberam lidar devidamente com a situação e limitaram-se a atirar sobre a população desarmada. Mikhail Gorbatchev recusou-se a assumir a responsabilidade do sangue derramado, fazendo do exército o seu bode expiatório. Desde a Perestroika que os militares se sentiam maltratados por Gorbatchev, deixaram de confiar nele e nas suas promessas e por isso não o apoiaram na tentativa de restituição do equilíbrio e da ordem na URSS. A hierarquia militar era escolhida pelo Partido Comunista e nem sempre os oficiais que escolhiam possuíam qualidades de comando. Aliás a estrutura política não os incitava a comportar-se de uma forma autónoma. A decomposição económica e moral atinge igualmente o sector militar: há atrasos no pagamento dos salários, passam a ter problemas com os alojamentos, os conflitos nacionais e inter-étnicos vão abalar toda a estrutura do exército, criando um ambiente de total inércia perante o que estava a acontecer.

3) Algumas causas conjunturais influenciaram o fenómeno da crise no aparelho militar. Factores como: tradição, estado de espírito do exército, situação económica, influenciaram o desmembramento da URSS, mas o factor “tempo” teve um papel muito importante, porque não houve tempo para organizar uma intervenção militar de forma a travar o desenrolar dos acontecimentos. A rapidez com a qual se fez a desagregação do Império Soviético foi

decisiva. Os militares, atingidos pelos conflitos entre o centro e a periferia nos últimos anos de governação Gorbachev foram apanhados desprevenidos perante a aceleração dos acontecimentos após o Putsch. Mergulhados nas zonas de tensão, Cáucaso, Transdnieéria e Ásia Central, as tropas entre Agosto de 1991 e Dezembro de 1991 eram o único elo real existente entre Moscovo e as Repúblicas. Muitos tropas lidaram muito mal com esta situação, sentiam-se abandonados pelo Ministério da Defesa, pela Rússia, por Moscovo. No início de 1992, houve uma tentativa de constituir um lobby militar destinado a mostrar o seu descontentamento ao poder militar. A assembleia de 17 de Janeiro de 1992 ficou marcada como sendo o momento em que o exército esteve mais próximo de se transformar numa força política autónoma. Mas esta oportunidade não foi aproveitada, o exército ficou bruscamente órfão, sem pátria, sem líder. Boris Ieltsin, então Presidente de uma das Repúblicas da ex-URSS, convenceu o aparelho militar, que a solução encontrava-se na formação da Comunidade dos Estados Independentes. Boris Ieltsin saiu beneficiado com a precipitação dos acontecimentos e o factor tempo. Mikhail Gorbachev nada pôde fazer e teve que se conformar com o desaparecimento da URSS. O projecto das forças armadas unidas da CEI, também não pôde ser concretizado porque havia por parte das Repúblicas independentes da ex-URSS uma necessidade de formar o seu exército nacional. A Rússia, perante tal facto, teve que constituir o seu próprio exército.(AA.VV. 1998, pp 181 a194).

VI - A GOVERNAÇÃO GORBATCHEV

6.1. Gorbachev, a herança recebida, a consolidação do poder e as suas ideias políticas:

Mikhail Sergueievitch Gorbachev nasceu a 2 de Março de 1931 em Privolni (Stravropol) numa família de camponeses. Começa a trabalhar aos quinze anos como mecânico num centro de maquinaria agrícola. Em 1952 ingressa no PCUS e em 1955 acaba o curso de direito na Universidade de Moscovo. Em 1967 vai igualmente concluir o curso de agrónomo. Gorbachev foi o primeiro líder soviético desde Lenine a ter recebido educação universitária. Ele não surgiu do nada, ele é um produto do incremento da educação e das novas profissões na URSS. Ele soube reconhecer a natureza das novas forças sociais emergentes, dando-lhes espaço para pensar e operar livremente.

Nos anos 70, Gorbachev passa a conhecer uma nova realidade social aquando das suas deslocações aos países ocidentais. Ele a partir daí apercebe-se do abismo existente entre os dois blocos. A sua fé na dita democracia socialista fica abalada e vai por isso questionar o Estado político-económico do seu país.

Aos olhos do povo, Gorbachev surge como um homem jovem, saudável e comunicativo contrariamente aos seus antecessores. Ele trouxe uma nova dinâmica à vida política do Bloco de Leste. Para ele os dirigentes provenientes da burocracia partidária eram elementos perniciosos e por isso tinham que ser afastados das estruturas da administração dando lugar a uma nova geração de indivíduos cheios de ideias. Ele defendia a necessidade de limpar a sociedade dos vícios, da corrupção e das máfias, porque estas últimas acabavam por ter alguma influência no controlo do aparelho do estado. Gorbachev procedeu então à substituição de todos os primeiros secretários das Repúblicas periféricas, excepto da Geórgia, para reduzir a corrupção. Tentou re-instaurar o poder do centro comunista sobre o estado e a sociedade. Ele proclama que os antigos métodos de gestão administrativa devem ser

substituídos pelos princípios científicos da gestão económica, a autogestão e o auto financiamento devem ser aplicados a todas as estruturas abrindo caminho à actividade individual. Aos Soviéticos é-lhes pedido a duplicação da produção e do rendimento nacional. Gorbatchev queria pôr termo a algumas lacunas existentes no tecido humano das grandes indústrias. Era urgente combater o alcoolismo, o absentismo, era necessário impor uma disciplina rigorosa, fundamental para o desenvolvimento de todo o sector económico. Para Gorbatchev a retoma económica era uma prioridade. O novo mestre do Kremlin vai por isso numa primeira fase tentar mexer com a matéria humana e convencer o povo para uma mudança de rumo através do reforço da disciplina, da hierarquização dos salários e o aumento da oferta do consumo.

Gorbatchev, em 1990 declarou o seguinte: cito “No principio, não compreendíamos a profundidade dos problemas que se nos deparavam.” (Judt , 2006, p 717).

6.2. Os condicionalismos e as correntes dominantes para combater a crise (o XXVII congresso do PCUS)

No XXVII Congresso do Partido Comunista em 1986, Gorbatchev, já como Secretário-Geral afirmou:

A própria vida exige-nos que se reveja algumas ideias teóricas e conflitos. Isto refere-se ao problema fundamental da integração das forças de produção e das relações de produção, o domínio socialista e as suas formas económicas, as relações entre o dinheiro e as mercadorias. A prática revelou a insolvência da ideia que, sob a condição de socialismo, a conformidade das relações de produção com a natureza das forças produtivas está automaticamente assegurada, como se verificou. Na vida real tudo é mais complicado”.

Neste congresso do PCUS foi aprovado um novo programa do partido em que foi estabelecido a estratégia política e económica para o país até ao século XXI. Neste mesmo congresso Gorbatchev afirmou entre outras coisas:

“ O presente cenário de uma crise geral no capitalismo não implica a sua real estagnação, não obsta a um possível crescimento da sua economia e a súbita conjuntura de novas inovações científicas e técnicas. Isto permite ao capitalismo manter as suas posições económicas, militares e estratégicas e até em alguns casos, conseguir uma possível desforra social, recuperando o que anteriormente perdera.”

Vai ainda apelar a reformas económicas da seguinte forma:

Preços:

“os preços têm de tornar-se mais flexíveis. Os níveis de preço não devem só corresponder aos custos de produção, mas também ao grau em que vão ao encontro das necessidades da procura, por parte da sociedade e do consumidor.”....

Autonomia:

“Já é altura de pôr termo à prática dos ministérios e departamentos, exercendo uma mesquinha tutela sobre as empresas industriais. (...) Às empresas e organizações deve ser reconhecido o direito de, independentemente, trocarem vendas entre si, permutando o que produzem, acima ou abaixo do que foi estipulado no plano, tanto matérias primas como elaboradas, materiais e equipamentos que já não utilizem. Devem também fruir do direito legal de fazerem essas vendas à população.”

Agricultura:

“Às fazendas agrícolas será ainda dada a oportunidade de utilizarem como lhes convier o produto das suas colheitas, acima ou abaixo do que foi estipulado no plano. No caso da fruta e dos vegetais, também podem vender ao Estado produtos frescos ou preparados nos mercados

das fazendas, ou através de cooperativas distribuidoras, ou utiliza-los para outras necessidades.”

Salários:

“É essencial que a política de salários do governo assegure que as receitas correspondam estritamente à quantidade e qualidade do trabalho executado (...). Poderia ser dito mais, enfaticamente, que quando são fixados pagamentos iguais pelo trabalho de um bom empregado e pelo de um negligente, está a perpetrar-se uma grosseira violação dos nossos princípios.”

Bancarrota:

“É importante observar, perseverantemente, o princípio de que as empresas e associação são inteiramente responsáveis pelas suas operações, não devendo apresentar perdas e que o Estado não tem qualquer responsabilidade pelos débitos que elas sofrem (...). tanto o crescimento dos seus rendimentos como as suas perdas deverão afectar o nível de rendimento de cada membro da própria colectividade.”

Os princípios proclamados neste Congresso eram fundamentais para que a *Perestroika* atingisse os objectivos inicialmente traçados.

VII – PERESTROIKA E GLASNOST

Jean Ellenstein afirma, que a palavra “Perestroika” aparece pela primeira vez em treze de Junho de mil novecentos e oitenta e quatro, numa reunião da Comissão Central. A Perestroika tinha como objectivo utilizar todas as vantagens da economia socialista para acabar com o período de estagnação da Era Brejnev. No seu discurso de 31 de Julho de 1986 em Khbanusk, Gorbachev vai definir o âmbito da Perestroika da seguinte forma: “ A Perestroika envolve não só toda a economia como também todos os outros aspectos da vida pública ou seja as relações sociais, o sistema político, o domínio espiritual e ideológico, o estilo e os métodos de trabalho do partido e todos os quadros.” A palavra Perestroika aparece associada à palavra Glasnot ou seja transparência. Mikhail Gorbachev declarou que não poderia existir Perestroika sem Glasnot. Não pode existir Glasnot sem abertura democrática e para existir democracia tem se que dar voz aos movimentos nacionalistas. Como já foi dito a Glasnot vai permitir uma maior abertura no que diz respeito à liberdade de expressão dos Mass Media. A classe intelectual soviética (Intelligentsia) vai utilizar esta oportunidade para exprimir e expor o novo pensamento e a necessidade de democratizar a sociedade soviética. (AA.VV, 1998, pp 176, 177,178).

O autor Jean-Marie Chauvier define “Glasnost” como Publicidade, no sentido de tornar público algo, sendo visto e entendido por ele como sendo a “Voz”. Segundo ele, o que é realmente importante aqui é o “Tomar da Palavra”. A Glasnost ajudou a difundir os valores democratas, dinamizou toda a sociedade e conseqüentemente a Perestroika. A Glasnost pode também ser visto como meio de controlo, mas é um meio de controlo essencial para que haja “abertura e dinamismo”. (AA.VV, 1989, pp 112 a 114).

De facto e conforme Georges Sokoloff argümento (...) “A Perestroika foi mais improvisada que planificada” .

“A adesão de Boris Ieltsine à Democracia de mercado teve mais a ver com teimosia do que com convicções doutrinárias”. (AA.VV, 1998, p 461)

7.1. Gorbachev e a sua Política Externa

O primeiro contacto da URSS com o Ocidente durante o consulado de Gorbachev teve lugar em Genebra, em Janeiro de 1985, entre Shultz e Gromiko. No entanto, o Ocidente ainda desconfiado age com prudência e grandes reticências. Mitterand toma a iniciativa seguinte e convida Gorbachev a visitar oficialmente Paris. Ainda no mesmo ano realiza-se em Genebra a primeira cimeira Reagan/Gorbachev; nesta conferência reconhece-se que a guerra nuclear só poderá trazer malefícios para a sociedade. Foram estabelecidos contactos diplomáticos com organizações internacionais nomeadamente com a ONU. O poder nuclear constituía um entrave ao desenvolvimento económico, sendo deste modo necessário iniciar um esforço de desarmamento e de desmilitarização. Gorbachev colocava em segundo plano a corrida ao armamento.



Ilustração 9 Encontro de Georges Bush, Ronald Reagan e Gorbachev nos USA
(www.googleimages.com)

Como é referido por Maurice Vaisse no seu livro “ As relações internacionais desde de 1945”, há, a partir de Outubro de 1986 , por parte de Gorbachev, uma tentativa de melhorar

as relações com os EUA, na cimeira de Reykjavik. Internacionalmente, Gorbachev queria demonstrar que o bloco estava a mudar. Em Dezembro de 1986, Sakharov, então exilado em Gorki, recebe um telefonema de Gorbachev para regressar a Moscovo. Este gesto simbólico tinha como objectivo mostrar, internamente e externamente, a mudança da política do bloco de leste.

Segundo o autor Jacques Lévesque, no capítulo “Le grand dessein internacional de Gorbachev”, podemos caracterizar a política externa de Gorbachev em duas fases:

a) A primeira fase inicia – se no ano de 1986 e termina no Outono de 1989, altura em que M. Gorbachev tentou desempenhar um papel preponderante nos assuntos internacionais. Ele apresentou propostas e fez concessões espantosas em termos de desarmamento, tentava com que a opinião publica internacional ficasse do seu lado e colocava os Estados Unidos da América e a NATO na defensiva. Com o sucesso alcançado em termos de política externa , ele conseguiu internamente neutralizar a oposição dos conservadores e dos cépticos.

a) A segunda fase começa com o desmembramento inesperado e em cadeia dos regimes do Este Europeu, provocado pela queda do Muro de Berlim. Perante todo este cenário o líder soviético verificou que tinha perdido um dos seus principais instrumentos de política estrangeira ou seja o “Pacto de Varsóvia”, ficando assim na defensiva e tentando conservar alguma influência em termos de assuntos europeus. Todos estes acontecimentos tiveram sem dúvida um papel preponderante na desintegração interna de todo o bloco, um ano e meio mais tarde, levando ao fim da União Soviética. O movimento nacionalista acentuou-se nas Repúblicas Bálticas, houve igualmente um realçar da polarização dos círculos políticos, fazendo com que Gorbachev perdesse o controle da situação interna. A Glasnost arrasta consequências que Gorbachev não vai valorizar como a questão das nacionalidades que foi o motor no processo de desmembramento da União Soviética. Não poderia existir Glasnost sem abertura democrática. A democracia só é possível dando palavra à vontade das nacionalidades e Gorbachev não se apercebeu da importância e da existência cada vez mais iminente do sentimento “Nacional” na URSS, assim como em todo o bloco soviético. Assim a

Glasnost criou um ambiente favorável para a explosão da onda de nacionalismo no Bloco de Leste. (AA.VV, 1998, pp 332 e 333).

Na realidade, os trunfos que Gorbachev possuía para reformar o sistema eram fracos, a conjuntura não era das mais favoráveis, uma vez que o exército sentia desconfiança, o KGB era hostil, a Nomenklatura encontrava-se dividida, o povo preocupado e as nacionalidades estavam prontas para proclamar a sua independência. Era realmente muito difícil transitar de uma economia centralizada para a de mercado. A Rússia tinha uma falta de tradição económica tanto a nível dos agentes económicos como também a nível dos seus técnicos e estudiosos. Os preços eram fixados de uma forma aleatória, não existindo uma relação directa com o custo de produção, os custos da electricidade e das matérias primas. O factor humano de desenvolvimento não era valorizado, nem era uma prioridade, mas era a única forma de alcançar um maior e mais flexível crescimento económico. Não havia cooperação entre os diversos departamentos ministeriais. O pesado modelo burocrático dificultava uma série de aprovações. Na URSS o sistema social garantia o emprego e a introdução de novas tecnologias provocaria um excedente de mão de obra.

Segundo o autor e historiador francês Jean Ellenstein, as reformas económicas defendidas por Gorbachev demoraram a ser implementadas devido à resistência de toda a classe política, que não apoiava o líder da URSS. A situação económica continuava a agravar-se, o nível de vida baixava de dia para dia e a degradação moral da sociedade acentuava-se. O conflito entre a Arménia e o Azerbaijão veio piorar toda esta situação. Segundo Ellenstein, a Perestroika tal como foi definida inicialmente, visava eliminar os esquemas herdados por Estaline, instaurar o sistema democrático em todos os sectores e na economia defendia a utilização do mercado, mas não virado para o capitalismo. Mas Jean Ellenstein é da opinião que a conjunção das forças conservadoras, a capitulação Mikhail Gorbachev e Boris Ieltsin fizeram com que a Perestroika não desse os frutos esperados. (http://www.humanité.presse.fr/popup_printr.php3?id_article=654933)

Andrei Sakharov conclui o seguinte: “ muitas vezes enganados pelas palavras, o povo tem que acreditar a dizer a verdade; ora para este fim é apenas necessário uma coisa, dizer toda a

verdade e confirmar essas palavras por actos.” (2) Esta declaração reforça a ideia de descrença da sociedade, nos discursos políticos.⁴

A falta de poder real e a impotência do poder nuclear para atingir a supremacia da URSS, leva à abertura internacional por parte de Gorbachev.

O objectivo de Mikhail Gorbachev era mudar o regime soviético de forma a salva-lo, mas qualquer alteração desencadeava reivindicações e novos conflitos. Ele encontrava-se num “beco sem saída”.

7.2. A queda de um Líder e a ascensão de outro



Ilustração 10 Boris Ieltsi e Gorbachev (www.googleimages.com)

Boris Ieltsin surge como principal opositor de Gorbachev. Ele defendia a manutenção do rigor na luta contra a corrupção e contra os privilégios da Nomenklatura. Com um relacionamento íntimo com as massas russas, este homem de tendências reformistas, formado em engenharia, esperou até aos trinta anos para ingressar no PCUS e em 1985 ascendeu à posição de primeiro secretário do Comité Central do Partido da cidade de Moscovo. A sua ascensão foi rápida, cedo começou a destabilizar o Politburo, com discursos exaltados para a irradicação das injustiças sociais. Ele reclamava o fim da centralização e a

⁴ In Iouri Afanassiev (dir.), *La seule issue*, Paris, Flammarion, 1989, pp 391 – 408 e p 397.

eliminação dos ministérios. Apela para a necessidade da criação de uma confederação de estados soberanos, para a legalização da propriedade privada e para o desenvolvimento de uma economia de mercado. Ieltsin criava por vezes situações embaraçosas para o PCUS, o que levou Gorbachev a forçar a sua saída do Politburo em finais de 1987.

Apesar de Ieltsin ter sido demitido das suas funções, a sua sombra vai continuar a pairar sobre a política de Gorbachev. Boris Ieltsin decidiu, enfrentou toda a máquina do poder em 1989, para concorrer como delegado itinerante do Congresso dos Deputados do Povo. Foi a primeira eleição parlamentar de âmbito nacional realizada na URSS desde 1918, Ieltsin teve o apoio de 89% dos eleitores de Moscovo. Deste modo, nos finais de 1989, os reformadores de Moscovo convenceram-se que Ieltsin sofrera uma conversão genuína à Democracia. O apoio popular a Ieltsin redundou na sua eleição em 1990 para Presidente da República Russa. (AA.VV, 1998, pp 179 e 180)

John Lewis Gaddis no seu livro “A Guerra Fria” afirmou o seguinte: “ Ieltsin, ao contrário de Gorbachev, tinha um grande objectivo estratégico: extinguir o Partido Comunista, dismantelar a União Soviética e transformar a Rússia num Estado capitalista democrático e independente”. (Gaddis, 2007, p 255)

Boris Ieltsin em 1991 declarou :cito “O nosso país não teve sorte. Decidiram sujeitar-nos a esta experiência marxista. No fim, provámos que não há lugar para esta ideia – que nos afastou do caminho seguido pelos países civilizados do mundo.” (Judt, 2006, p 717)

A Perestroika tinha-se tornado numa missão impossível, porque não existia uma motivação conjunta de mudança no Bloco de Leste. As reformas deveriam ter arrancado por volta dos anos 60/70, quando as receitas do petróleo e do gás natural pareciam prometedoras, quando diminuíram as despesas com o armamento e não em 1985 quando o poder aquisitivo do petróleo já se reduzira apreciavelmente e quando as forças armadas reclamavam maiores verbas para poder competir com os Norte-Americanos na conquista da guerra das estrelas.

O XIX Congresso do Partido (28 de Junho a 1 de Julho 1988) abalou toda a estrutura institucional e política, ao permitir a pluralidade das candidaturas nas eleições. O golpe fatal surge a 14 de Março de 1990, quando foi abolida a função de dirigente do partido, fundamento este imprescindível na estrutura política soviética.

Segundo Ulysse Fosset e Valdimir Fédorovski , a URSS deixou de funcionar e toda a gente sofria com isso. A Perestroika favoreceu o aparecimento de uma nova camada social, “os novos ricos”. Mas a pobreza dos mais desfavorecidos acentuava-se. A miséria está à vista de todos. Os mendigos eram cada vez mais numerosos. Há um clima de insegurança em Moscovo, devido às máfias, ladrões e especuladores. As reformas de Gorbachev implicavam uma série de medidas que tinham os seus custos, a retirada de subsídios estatais provocou um aumento de preços levando os cidadãos ao pânico, começou-se a duvidar da prometida qualidade de vida. (1992, p 99, 100)

A falta de resultados práticos na economia doméstica, na política interna e nas questões internacionais, a perda de privilégios dos militares e membros do aparelho, abriram espaço para as forças conservadoras se insurgirem contra a política de Gorbachev. Os conservadores defendiam a necessidade de um Golpe de Estado, para assim restabelecer a velha “linha dura”.

7.3 O golpe de estado de 1991 e o seu fracasso

O golpe de Estado de Agosto de 1991 aconteceu quando Mikhail Gorbachev se encontrava doente na sua casa de férias em Foros, na Crimeia. Gorbachev preocupado, só pensava no dia 20 de Agosto, que se anunciava como um dia importante na medida em que era assinado o Tratado da União, onde pela primeira vez Gorbachev se comprometia a dar uma margem de manobra maior às Repúblicas. Ulysse Fosset e Vladimir Fédorovski referenciam no seu livro “ Histoire secrète d’un coup d’état”, que o chefe do Kremlin defendia a redução dos privilégios “do poder central” e uma melhor distribuição desses

mesmos pela periferia. Gorbachev estava convencido que a maioria das Repúblicas ficaria na União. Uma União onde seria possível desfrutar de uma verdadeira independência.



La datcha de Gorbatchev, à Fors, sur les bords de la mer Noire. *Syigma*

Ilustração 11, Casa de férias do Gorbachev

Segundo Chakhnazarov, o líder soviético não esperava, que houvesse um golpe de Estado. Ele nunca pensou que as pessoas em quem ele depositou toda a confiança fossem capazes de traição, como foi o caso de Valeri Boldine, chefe do seu gabinete e de Oleg Baklarov, principal conselheiro de Gorbachev em matéria de estratégia militar. Mas muitas outras individualidades estiveram relacionadas com o desenrolar dos acontecimentos que marcaram o Verão de 1991. Torna-se necessário identificá-las:

Valentin Vanlennikov – comandante das forças terrestres do Exército Vermelho.

Yuri Plekhanov – General do KGB, responsável pela protecção dos dirigentes do império. Ele foi a chave que abriu as portas da residência presidencial e tinha como função isolar o chefe do Kremlin.

Vladimir Knioutchkov – “O patrão do KGB”, que tomou a iniciativa de enviar os emissários para Fors.

Oleg Cheine – responsável pelo controlo das delegações das várias províncias que eram hostis à Perestroika.

Gennadi Ianaev – escolhido para ser presidente e para substituir assim Gorbachev. Era uma marioneta nas mãos dos outros golpistas.

Valentin Pavlov – 1º Ministro.

Boris Pougó – General do Ministério do Interior.

Dimitri Iazov – General do Exército Vermelho.

Anatoli Loukianov – considerado como o génio do mal, acérrimo defensor das fronteiras da URSS e do poder central. Ele opunha-se à onda crescente do Nacionalismo nas diversas Repúblicas.

Todos eles tiveram um papel preponderante no desenrolar da tentativa do golpe de estado. Boris Pougó, Dimitri Iazov, Valentin Pavlov e Anatoli Loukianov não se afastaram do Kremlin, afim de poder controlar e impor aos civis as directrizes da Comissão para o re-estabelecimento da ditadura. Valentin Varemikov, Iouri Plekhanov, Oleg Cheine, Valeri Boldine e Oleg Baklanov foram os escolhidos, para impedir Gorbatchev de regressar a Moscovo. Estes conspiradores tinham como objectivo instaurar de novo o clima de totalitarismo, mas para isso eles precisavam do apoio de Mikhail Gorbatchev, porque era a única pessoa capaz de amaciar a reacção dos países ocidentais. Os emissários enviados à Crimeia nunca pensaram, que Gorbatchev lhes fizesse frente, mas o Presidente da URSS manteve-se intransigente e firme, não alinhando com os líderes do Putsh e ficando assim preso na sua casa de férias. Uma das formas encontradas para impor a necessidade do Estado de urgência, era convencer as pessoas sobre o facto de Gorbatchev se encontrar gravemente doente. Krioutchkov justifica o estado de emergência da seguinte forma: “A situação do país é desesperante, a crise e o caos não podem perdurar. Decidimos instaurar o Estado de urgência. Uma comissão foi constituída.” O líder do KGB achava que a Perestroika tinha caído num impasse.

No dia 19 de Agosto de 1991, às 06h20, a Agência Tass, anunciava que o Vice-Presidente Guennadi Ianaev passava a substituir Gorbatchev na liderança do império soviético e proclama o Estado de emergência pelo período de seis meses. O KGB possuía uma lista com nomes de algumas personalidades e militantes que tinham que ser presas e Boris Ieltsin constava dessa lista. Figuras importantes da vida política da URSS eram vigiadas e tinham o seu telefone sob escuta. Ieltsin aparece como o salvador da Pátria. Boris Ieltsin encontrava-se na sua “datcha” oficial de Oussovo e não imaginava que alguns comandos do KGB, se escondiam nos bosques para prendê-lo a qualquer momento. Ivanenko, chefe do KGB russo, aconselha Ieltsin a regressar a Moscovo e ainda hoje persistem dúvidas relativamente às razões que levaram os agentes “Alpha” do KGB a não prender o líder russo. Mas há quem defenda que as sementes da Democracia também já se tinham infiltrado em todos os sectores

da vida social do império. Ao chegar à Capital da URSS Ieltsin verifica que muitos tanques se posicionavam em frente à Casa Branca, mas fica estupefacto quando vê que militares e civis confraternizavam civicamente. Ieltsin achou o clima favorável e por isso desce para se encontrar com os militares e vai ser de pé e em cima de um blindado que ele vai fazer um apelo ao povo. São 12h50 , perante as câmaras de televisão ocidentais e soviéticas, que Ieltsin lê o seu texto com convicção, declarando o seguinte:

“Estamos em presença de um golpe de estado da direita reaccionária e anticonstitucional. A imposição da força é inadmissível. Aos olhos do mundo, ela desacredita a URSS, leva-nos à guerra, ao isolamento. Esta acção obriga-nos a declarar a ilegalidade desta comissão que tomou o poder. Fazemos apelo aos cidadãos Russos para responder de forma digna. Pedimos aos militares para agir de uma forma cívica, não participando no golpe de estado. Deve ser permitido ao Presidente Mikhail Gorbachev exprimir-se em público. Exigimos a convocatória imediata de um Congresso extraordinário. Enquanto as nossas exigências não são satisfeitas, apelamos a uma greve geral ilimitada.”

A classe operária , a grande massa dos trabalhadores ficaram na expectativa. A grande maioria não respondeu ao apelo da greve geral em 20 de Agosto de 1991 por Ieltsin. A responsabilidade deste fracasso cabe a Gorbachev, porque todo o proletariado não queria de forma alguma apoiar e defender aquele que eles consideravam como sendo responsável pela situação desastrosa do país.

Mas de hora em hora, o número de pessoas foi aumentando e para tranquilizar o povo, os militares dizem não ter intenção de atirar, que não tinham munições, mas se quisessem podiam ter destruído várias vezes Moscovo.

Ieltsin quis relembrar aos militares o juramento de fidelidade ao povo; afirmou que não havia forma de voltar ao passado e acha que nesse momento trágico, eles saberão fazer a escolha certa. Individualidades como Eduard Shevardnadze, antigo Ministro dos Negócios Estrangeiros e Alexander Iakolev, ex-conselheiro de Gorbachev eram sérios defensores da Perestroika e por isso apoiaram Ieltsin. Ankadi Volski e Alexandre Vladislvlvlev, dois grandes patrões do complexo militar-industrial alinharam com o movimento de resistência e

continuavam a acreditar na continuidade das reformas. Eles conheciam as pessoas certas no sistema militar porque souberam quais iriam ser os próximos passos dos responsáveis do golpe de estado. Entretanto Boris Ieltsin vai decretar o seguinte:

- 1 – Ilegalidade do Vice-Presidente Ianaev ao atribuir-se todos os poderes de Gorbachev.
- 2 – Declara a inconstitucionalidade da Comissão.
- 3 – Desmobiliza as unidades militares envolvidas no golpe.
- 4 – Dentro do território Russo, o exército está sob o seu controlo.
- 5 – Todos os funcionários do Estado são mobilizados para não seguir as ordens do Comité.

Ianaev vai tentar obter o apoio das Repúblicas, mas em vão, a única que segue o Comité é o Azerbaijão. As populações estão convencidas que o movimento conservador é responsável pelo golpe de estado. Loukianov foi o único golpista a ceder à pressão feita por Ieltsin para a necessidade de um encontro, onde tentariam que especialistas da OMS fizessem uma avaliação do estado de saúde de Gorbachev. Mas Loukianov só aceitou manter-se afastado da junta.

George Bush depois de ver as imagens do que estava a acontecer em Moscovo, telefona a Boris Ieltsin e para lhe dar todo o seu apoio e recusa-se a legitimar o Comité, receando sérias consequências nas relações entre Moscovo e Washington. Todos os países europeus condenaram o golpe de Estado. Muitas pessoas ligadas às artes, intelectuais, reformadores permaneceram à volta dos tanques para mostrar ao mundo o seu descontentamento e o seu apoio à resistência. O ataque à Casa Branca não aconteceu porque altas patentes do exército não queriam assumir responsabilidades, muitos faziam jogo duplo. No seio do KGB persistiam muitas dúvidas. Extremistas como o General Prilakov, chefe da polícia política defendia o assalto ao parlamento, afirmou que a “Pátria estava em perigo. A Perestroika falhou. Temos que esquecer a Democracia, as nossas fronteiras estão ameaçadas. Os provocadores estão na rua. O perigo da subversão é encorajado pelos agentes do Ocidente. O que era Perestroika transformou-se em contra revolução.”

O presidente do KGB tinha como objectivo encontrar uma forma de entrar na Casa Branca, afim de neutralizar toda a direcção russa.

À imagem de Ieltsin, Eduard Shevardnadze apela para a necessidade de uma greve geral e que os civis teriam que desobedecer às ordens do Comité. Afirmou ainda que o golpe de Estado era uma aventura sem amanhã, levada a cabo por dirigentes com princípios da Idade da Pedra. Segundo ele, Boris Ieltsin tinha muitos simpatizantes no exército, entre os oficiais e os generais. Shevardnadze vai acusar Gorbachev de não ter sabido escolher os Homens certos, para a liderança dos vários Ministérios. A Perestroika produziu efeitos nos vários órgãos do sistema militar soviético, os generais nunca pensaram que as suas ordens fossem postas em causa, porque isto tornou-se fatal quando houve necessidade de agir com precisão e rapidez, o que levou ao falhanço do golpe de Estado. As sementes da Democracia plantadas por Gorbachev não foram esmagadas, o sopro de liberdade inundou de esperança a nação soviética. O povo teve sem dúvida um papel preponderante na queda do Bloco de Leste, porque não arredou pé das ruas de Moscovo. A população de Moscovo desafiou o estado de emergência decretado pelos golpistas e conseguiu a adesão dos militares, estes últimos ouviram o apelo de Boris Ieltsin, que se recusava a reconhecer a legitimidade dos golpistas e insistia na legitimidade (ainda que formal) de Gorbachev, juntaram-se aos populares na defesa da Democracia. O objectivo era impedir o terrível regresso ao passado.

Alguns políticos soviéticos acusam Gorbatchev de não se ter esforçado para encontrar um canal de contacto, afim de denunciar o que se estava a passar. (1991, pp 21 a 220)

Boris Ieltsin aparece neste conflito, mas o povo ainda não sabe se deve confiar totalmente nele, porque este último defendia o liberalismo sem travão. Ele e Gorbatchev tudo fizeram para travar e acabar com as greves na Primavera de 1991. No entanto a grande maioria dos oficiais, os chefes do KGB, das forças repressivas, receavam que Boris Ieltsin e Mikhail Gorbatchev executassem as ordens dos golpistas, porque se as forças armadas intervissem, a população trabalhadora e as nacionalidades enfraqueciam e então aí o conflito seria sem dúvida inevitável. Por isso quando Boris Ieltsin fez apelo à insubordinação cívica, os reformadores e uma parte da população empenham-se na resistência e não executam as ordens dos líderes do golpe de Estado, acabando este último num perfeito falhanço. ([www. http://socialisme.free fr/cps 39_ urss.htm](http://socialisme.free.fr/cps_39_urss.htm))

Iakovlev declarou, que foi informado do projecto do Comité para o Estado de Urgência. O historiador Michel Heller defende e comentou no dia 24 de Agosto de 1991, que se Iakovlev estava a par do que ia acontecer, Gorbatchev tinha automaticamente de saber o que estava para vir. Por isso ele nada fez para travar o despoletar do golpe de Estado, ou seja de uma maneira ou de outra Mikhail Gorbatchev estava implicado. ([www. diploweb.com](http://www.diploweb.com) Histoire, aout 1991: quel Putsch contre Gorbatchev? Pierre Verluise)

Segundo o analista político Pierre Verluise, durante o Putsch de 1991 foram encontrados em todo este processo quatro incoerências consideradas importantes:

- 1) Mikhail Gorbatchev conservou a liderança do Secretariado Geral do Partido Comunista da União Soviética ou seja o controlo, o comando do aparelho do Estado, do Exército e do KGB
- 2) Como explicar o facto do “Comité para o Estado de Urgência”, que censurava o desempenho da televisão, deixar difundir no dia 19 de Agosto de 1991, no Telejornal

“Vrémia”, imagens de Boris Ieltsin confraternizando com os tripulantes dos carros de combate? Como entender a sua total liberdade de deslocação e de expressão, enquanto ele apela à greve geral em prol de Mikhail Gorbatchev, mesmo contrariando a proibição do Comité em relação à greve. É espantoso os Putschistas terem deixado o seu opositor falar de uma forma livre na televisão correndo o risco de este último sair com uma imagem de herói democrata.



Ilustração 13 Boris Ieltsin no meio do povo aquando do Golpe de Estado (Gosset e Fédorovski , 1991, p 135)

3) Como interpretar os apelos de Shevardnadze e de Iakolev a pedir para formar um Comité de apoio a Gorbatchev? É incrível pensar que líderes do Golpe de Estado deixem uma coisa destas acontecer!

4) Porquê que é que o Comité não espalhou pela cidade as tropas de elite no dia 20 de Agosto de 1991? Como explicar que a divisão Taman e o exército regular tenham feito vassalagem a

Boris Ieltsin e defendido o Soviete Russo? ([www. http.wwdiploweb.com/p7](http://www.wwdiploweb.com/p7) ver 104 htm , em 03/11/2005).

Vários Putshistas foram presos, alguns suicidaram-se. Gorbachev retomou, sob a protecção de Ieltsin, as suas funções de Presidente da URSS. Na República Russa o Partido Comunista foi suspenso, assim como a sua imprensa e todas as suas actividades. A sua sede foi ocupada e todos os arquivos foram confiscados pelos Supremo Soviete. O Partido Comunista foi igualmente proibido de exercer a sua actividade na grande maioria das Repúblicas. A sede do KGB foi igualmente ocupada. A bandeira vermelha foi substituída pela bandeira da Rússia dos Czares. As estátuas de Derjinski, de Sverdlov e, em algumas Repúblicas, mesmo as de Lenine, foram removidas. Gorbachev decide desistir do cargo de Presidente do PCUS. Ieltsin e os reformadores surgem como os verdadeiros vencedores de todos esta trama.

7.4 A Rússia após o Golpe de Estado

Georges Sokoloff , ainda no capítulo “Quelques Réflexions sur la Métamorphose Russe” referencia que é impossível não reparar na selvajaria do capitalismo Russo, as condições precárias de vida da terceira idade, a crueldade exercida pelos gangs, os maus hábitos e costumes de toda a classe política, os horrores vividos na Chechénia. A tudo junta-se outros flagelos como é o caso do enfraquecimento dos recursos humanos, a depressão da economia, a impotência do Estado em restabelecer a ordem pública e por fim, o mais dramático de tudo, o desastre ecológico. Esta mutação da sociedade Russa é vista de uma forma catastrófica. Mas, segundo este autor, tudo isto é preferível àquilo vivido no passado por todo o bloco, ou seja é difícil não preferir a democracia ao despotismo, a liberdade de expressão à censura, o direito à arbitrariedade, o mercado livre ao racionamento, a Federação Russa ao império soviético, o bom entendimento à tensão internacional.

Os reformadores são da opinião que esta metamorfose é detestável, que as mudanças foram muito mal conduzidas e em contrapartida os ultra-liberais acham que as reformas deveriam ter sido levado a cabo de uma forma muita mais radical. Georges Sokoloff defende

que todos estes flagelos vividos pela Rússia são anteriores às reformas, mas foram agravados por toda a nova conjuntura. Este autor conclui que as reformas russas reúnem metamorfose versus catástrofe e barbárie versus progresso.

Este autor sustenta ainda que a Rússia e todas as Repúblicas da ex-URSS têm um longo caminho a percorrer no que diz respeito às reformas. As instituições políticas têm que saber afirmar-se internacionalmente, com base no respeito das normas morais. Só assim é possível existir um bom funcionamento do sistema liberal. Quanto ao mercado Russo, este último tem a vantagem de ser agressivo, corrosivo e eficaz e deve por isso permitir à Rússia encontrar o seu crescimento económico. Esse crescimento económico é realmente importante para curar as feridas sociais, políticas, morais e económicas originadas pelos longos anos de privação impostos pelos sucessivos governos. O desenvolvimento económico é necessário para travar as malformações e os bloqueios da Economia administrada e para consolidar os valores democratas. Por agora, vive-se tempos difíceis, porque a mudança do rumo político e económico não trouxe os resultados tão esperados, ou seja a prosperidade para a grande maioria da população, para as indústrias e para o Estado. Esse crescimento dos vários sectores só é possível com investimentos e com políticos à frente do Governo, que saibam inspirar confiança, para atrair o investimento estrangeiro. (AA.VV. 1998, pp 459 e 460).

CONCLUSÃO

Podemos concluir que a perda de poder da URSS não aconteceu de um dia para o outro, mas foi fruto de um longo processo que evoluiu ao longo de décadas. A importância dada à sociedade interna foi sempre minimizada ao contrário de um sector crucial para o Politburo “A Defesa”.

Quando a Guerra Fria chegou ao fim, a capacidade de fazer a guerra, já não garantia a hegemonia dos Estados, nem mesmo a sua sobrevivência no sistema Internacional. A marginalização da sociedade, o secretismo, a falta de liberdade de expressão, o controle da imprensa, a omissão dos factos, as purgas e muitos outros condicionalismos da política implementada pelos comunistas, fez com que se possa afirmar, que o sistema continha em si mesmo as bases da sua destruição. Falar da queda da URSS, não é só mencionar a queda de um império, mas também de todo um sistema que o envolvia. Demasiado centralizado, não possuía mecanismos que regulassem o conjunto das actividades produtivas.

As orientações políticas e económicas estavam completamente desajustadas da realidade.

Esta falta de racionalidade das medidas empregues levou à progressiva desregulação do sistema vigente num país continente.

As três vertentes da crise, que levaram à ruptura foram pois, a crise na legitimidade política do regime soviético, a crise na produção económica e consequente crise social e crise nas relações étnicas e culturais. A conjugação destes três factores determinaram a derrocada do sistema.

A Perestroika foi de tal forma influente, actuando do centro para a periferia, que mais tarde veio a provocar o que se intitulou como o processo de “des-sovietização” ou “descolonização” do próprio império. Todavia esta influência acabou por ir longe de mais e

Gorbatchev perdeu o domínio de todo este complexo processo, já que queria manter o poder russo e não pretendia que o Bloco se desmantelasse. No entanto, esta vontade não conseguiu fazer frente ao golpe de estado de 1991, no qual o sistema político acabou por cair como um baralho de cartas.

O temido poder militar soviético, não foi o bastante para impedir este acontecimento. Anos de investimento neste sector em detrimento da acção social ou da criação um estado providência não evitaram este estado de sítio, e as populações saíram gravemente prejudicadas.

Actualmente é tão grave a crise, que são inúmeras as incertezas. Os Líderes preocupam-se em resolver questões ligadas à nova sociedade, como a crescente onda de criminalidade, a Máfia, as acentuadas diferenças sociais para não mencionar a crise na Chechénia, enquanto a grande maioria da população luta por questões tão básicas como a alimentação, protecção e saúde.

A verdade é que a sociedade russa só muito dificilmente aceitou tentativas de solução, porque os problemas já estavam demasiados integrados no dia a dia das pessoas. Assim as soluções eram vistas ou como sendo demasiado conservadoras ou demasiado liberais. Espera-se que o recente Governo de Dimitri Medvedev, no cargo desde de Maio de 2008, consiga criar mecanismo de apoio à população e que tenha capacidade para desenvolver a economia, para que este magnifico País permita proporcionar às futuras gerações, uma vida melhor, centrada na liberdade de expressão e de escolha.

BIBLIOGRAFIA

AA.VV.(1989) - *L'URSS de Lénine à Gorbatchev*, Bruxelles.

AA.VV. (1998) - *L'Effondrement de l'Empire Soviétique*, Bruylant, Bruxelles.

Denis, Henri. (s/d.) *História do pensamento económico*. Lisboa, Livros Horizonte, Lda.

Gaddis, Lewis, John (2005) - *A Guerra Fria*, Lisboa, Edições 70, 2007.

Gorbatchov, Mikhail (1987) - *Perestroika, anos de transformação e esperança para a URSS e para o mundo*, 13ª Edição, Mem Martins, Publicações Europa-America, 1987.

Gosset, Ulysse et Fédorovski Vladimir (1991) - *Histoire secrète d'un Coup d'Etat*, Mesnil-sur-L'Estrée, Editions Jean-Claude Lattés.

Judt, Tony (2006) - *Pós-Guerra, História da Europa desde 1945*. Lisboa, Edições 70.

Kennedy, Paul (1997) - *Ascensão e queda das grandes potências*, 2ª Edição. Mem Martins, Publicações Europa-América.

Kennedy, Paul (1993) - *Desafios para o século XXI*, 2ª volume. Mem Martins, Publicações Europa-América, s/d.

Larousse (1995), *Mémo Larousse: A Enciclopédia Visual e Temática*, 1ª Edição. Portugal, Selecções do Reader's Digest.

Morin, Edgar (1991), (org) - *Os problemas do fim do século*, Lisboa, Editorial Notícias, s/d.

Nogueira, Franco, (2000) - *Juízo Final*, 7ª Edição, Porto, Livraria Civilização Editora.

Vaisse, Maurice (2005) - *As relações internacionais desde 1945*, Lisboa, Edições 70.

ANEXOS

Cronologia

- **1970**

-12/ Agosto

Assinatura em Moscovo por Brandt e Kossyguine, do tratado germano-soviético de cooperação de não recurso à força (as relações comerciais entre a URSS e a RFA quadruplicam).

-16/Novembro

O físico Sakharov cria um comité para a defesa dos direitos do Homem na URSS.

-7/Dezembro

Assinatura em Moscovo do Tratado Germano-Polaco de reconciliação: Bona reconhece a linha Oder-Neisse como fronteira ocidental da Polónia.

- **1971**

-11/Fevereiro

Tratado sobre a proibição de colocação de armas nucleares no fundo dos mares, assinado por EUA, URSS e Reino Unido.

-Março

Início da política de “ping-pong” entre a China e os EUA- desanuviamento (começa com a visita de uma equipa de ténis de mesa norte americana).

-30/Agosto

Acordo URSS-EUA sobre a prevenção de acidentes nucleares.

-08/Setembro

Acordo quadripartido sobre Berlim, no quadro da Ostpolitik.

- 20/Setembro

Início do diálogo coreano via delegações da Cruz Vermelha.

-30/Outubro

Aprovados os princípios de cooperação entre a URSS e a França (o texto contém a renúncia à doutrina Brezhnev).

-3/Dezembro

O exército indiano invade o Paquistão Oriental (a URSS apoia a Índia; os EUA o Paquistão-3ª guerra Indo-Paquistanesa).

-16/Dezembro

- Capitulação do exército paquistanês; independência do Bangladesh.

- **1972**

-Abril

Tratado contra a guerra biológica: EUA, URSS, Reino Unido...

-9/Abril

Assinatura do Tratado de amizade e cooperação Soviético-Iraquiano.

-22 a 29/Maio

Visita de Nixon a Moscovo, onde assina com Brezhnev (26/5) o acordo de SALT I, limitando a multiplicação dos mísseis anti-balísticos e impondo limites aos arsenais estratégicos ofensivos e isto por cinco anos. Para a URSS, o SALT I representava uma nova correlação de forças a nível mundial.

-23/Maio

O Bundestag ratifica os tratados de Moscovo e Varsóvia.

-8/Julho

Anúncio de venda à URSS, pelos EUA, de 750 milhões de dólares de cereais (trigo) por um período de três anos.

-18/Outubro

Assinatura de um tratado comercial Soviético-Americano, com o levantamento de várias restrições alfandegárias.

-21/Novembro

Retomadas as negociações SALT, em Genebra (lógica das conversações SALT: nenhuma das duas potências deve ter uma rede de armas defensivas que lhe permita fazer frente de maneira demasiado eficaz às represálias da outra; em contrapartida, nenhuma deve ter capacidade ofensiva que ao primeiro ataque seja capaz de aniquilar a capacidade de resposta da outra).

-22/Novembro

Início das conversações multilaterais sobre o processo de segurança e cooperação europeia (CSCE), de Helsínquia.

-21/Dezembro

Ratificação em Berlim Leste do Tratado fundamental dos dois estados alemães: a RFA reconhece a RDA.

A URSS considerada inimiga principal da República Popular da China.

- **1973**

-27/Janeiro

Assinatura dos acordos de Paris, que põem termo à guerra do Vietname: cessar-fogo, retirada das forças americanas e libertação dos prisioneiros de guerra num prazo de dois meses.

-17/Abril

Nixon reconhece a realidade do caso Watergate.

-18 a 25/Junho

Brezhnev nos EUA, apresenta uma proposta para uma solução conjunta dos problemas do Próximo Oriente.

-21/Agosto

Sakharov, em entrevista a jornalistas ocidentais, deplora que o ocidente não estabeleça a ligação entre a “détente” e a liberalização do regime soviético.

-4/Novembro

Os países árabes decidem diminuir em 25% a sua produção de petróleo (início do primeiro choque petrolífero).

- **1974**

-13/Fevereiro

Soljenitsin expulso da URSS.

-9/Agosto

Demissão de Nixon, sucede-lhe o vice presidente Ford.

-24/Novembro

Brezhnev e Ford assinam em Vladivostok, um acordo de princípio sobre a limitação e igualdade dos armamentos estratégicos nucleares.

Militares pró- soviéticos adquirem o poder na Etiópia.

- **1975**

-17/Julho

Acoplagem de uma Soyuz e de uma Apollo; aperto de mão entre astronautas americanos e soviéticos.

-1/Agosto

Assinatura em Helsínquia da Acta Final da Conferência sobre a segurança e a cooperação na Europa; os 35 países membros comprometem-se a respeitar a liberdade de circulação das pessoas, da informação e das ideias.

-20/Outubro

Acordo comercial EUA/URSS: 6 milhões de toneladas de cereais em troca de 10 milhões de toneladas de petróleo.

- **1976**

-25/Maio

Assinatura em Moscovo e Washington de um tratado limitador da potência dos ensaios nucleares.

-2/Novembro

Jimmy Carter, 39ª presidente dos EUA (51% dos sufrágios).

- **1977**

-13/Novembro

Ruptura entre a Somália e a URSS; aproximação desta à Etiópia.

- 27/Dezembro

Início da instalação dos mísseis SS-20 pela URSS, nas suas fronteiras europeia e asiática.

-29/Setembro

Morte do Papa João Paulo I, sucede-lhe o arcebispo de Cracóvia Karol Wojtyla (16/10) sob o nome de João Paulo II.

-20/Novembro

Assinatura em Moscovo de um tratado de aliança Soviético-Etíope.

-22 e 23/Novembro

Distanciamento da Roménia da URSS e do tratado de Varsóvia ao recusar o aumento de 3% das despesas com a defesa e ao rejeitar a integração das suas forças armadas no Pacto de Varsóvia.

Dezembro

Assinatura do tratado de amizade e cooperação entre a URSS e o Afeganistão.

- **1979**

-16/Maio

Assinatura em Viena, por Brezhnev e Carter do acordo de SALT II , instaurando a paridade dos arsenais nucleares estratégicos americanos e soviéticos.

-Dezembro

Intervenção soviética no Afeganistão.

- **1980**

-3/Janeiro

O senado americano recusa examinar os acordos SALT II e a Casa Branca decreta o embargo de trigo destinado.

-20/Janeiro

Carter apela ao boicote dos Jogos Olímpicos de Moscovo.

-21/Fevereiro

Manifestações anti-soviéticas em Cabul: o exército vermelho massacra um milhar de civis.

-25 a 26/Junho

Condenação pelo conselho do Atlântico da presença soviética no Afeganistão.

-19/Julho a 3/Agosto

Jogos Olímpicos de Moscovo, boicotados pelos EUA e RFA. Agosto/Setembro

Greve dos operários na cidade de Gdansk na Polónia. Criação de um sindicato independente “Solidarnosc”.

- **1981**

-Dezembro

Proclamação do Estado de Guerra na Polónia.

- **1982**

-12/Novembro

Libertação de Walesa e dos presos políticos na Polónia.

-Novembro

Falecimento de Leonid Brezhnev , tomada de posse de Iouri Andropov.

- **1983**

-23/Março

Reagan lança o projecto intitulado “ Iniciativa de defesa estratégica” ou “Guerra das Estrelas”.

-4/Abril

Paris expulsa 47 diplomatas soviéticos acusados de espionagem.

-Abril

A socióloga Tatiana Zaslavskaja denuncia no seu relatório dito de “Novossibisk” as carências da economia soviética e defende uma reforma económica radical.

-5/Outubro

Lech Waleza é nomeado Prémio Nobel da Paz.

- **1984**

-Fevereiro

Falecimento de Andropov e subida ao poder de Konstantin Tchernenko.

- **1985**

-11/Março

Após o falecimento de Tchernenko, Gorbachev é nomeado secretário geral do PCUS.

-15/Outubro

Mikhail Gorbachev anuncia o início da Perestroika (reestruturação).

- **1986**

-26 /Fevereiro a 6/Março

É no XXVIIº Congresso do PCUS, que Gorbachev vai anunciar as grandes mudanças económicas e políticas, o novo pensamento em matéria de política estrangeira, assim como a introdução da “Glasnost”.

-25/Abril

Explosão do quarto reactor da central nuclear de Tchernobyl.

-16 a 19/Dezembro

A substituição de Kounaev pelo russo G.B Kolbine, no lugar de primeiro secretário do partido do Kasaquistão, vai provocar violentas manifestações, contabilizando-se dois mortos e 200 feridos.

-23/Dezembro

Regresso de Andrei Sakharov, após ter sido obrigado a ficar sete anos exilado em Gorki.

- **1987**

-26 a 28/Janeiro

No plenário do Comité Central do PCUS, Gorbachev propõe que as eleições sejam no futuro feitas com candidaturas múltiplas, respeitando-se igualmente o voto secreto.

- Junho/Julho

Populares da Crimeia exigem a revisão dos actos legislativos que levaram ao desaparecimento da República Autónoma da Crimeia, em 1944.

-28/Agosto

Manifestações nos países Bálticos contra a anexação por parte da URSS, no seguimento do Pacto Germano-Soviético de 23 de Agosto de 1939.

-11/Novembro

Boris Ieltsin, então chefe da Organização do Partido em Moscovo, é demitido do seu cargo, devido as suas constantes críticas a Gorbachev.

-7 a 10/Dezembro

Assinatura em Washington do tratado de desmantelamento das forças nucleares intermediárias (FNI).

- **1988**

-8/Fevereiro

Gorbachev anuncia que as tropas soviéticas poderão deixar o Afeganistão, a partir do mês de Maio do corrente ano.

Fevereiro a Março

Surgem as primeiras manifestações e greves na Arménia, é pedido a anexação do Alto Karabakh, região autónoma do Azerbaijão, 80% da população desta região é composta por Arménios. Esta anexação é recusada.

Na sequência do anúncio da morte de duas pessoas no Azerbaijão, a perseguição dos culpados vai levar à morte de 32 Arménios em Soumgait.

-13/Março

Foi publicado no “Sovietskaia Rossia” um artigo, que criticou ferozmente as reformas levadas a cabo por Gorbachev.

-18/Março

Declaração da secessão da Frente Popular Abkhaze.

-23/Março

A URSS recusa as reivindicações da Arménia relativamente a anexação do Alto Karabakh, mas para compensá-los vai desbloquear para região, uma ajuda excepcional, no valor de 400 milhões de rublos.

-14/Abril

Assinatura dos acordos de Genebra sobre o Afeganistão, Moscovo compromete-se a retirar as suas tropas, antes de 15/2 de 1989.

-29/Maio a 2/Junho

Visita à Rússia do Presidente Americano Ronald Reagan.

-10/Junho

A comissão de estado responsável pela situação na Crimeia, rejeita a vontade deste povo no que diz respeito à constituição da República Autónoma da Crimeia, mas adopta a favor desta última medidas financeiras e socioculturais.

-28/Junho a 1/Julho

XIXª Conferência do Partido Comunista, Gorbachev afirma uma vez mais a necessidade de reformar o sistema político e institucional.

-Novembro

O direito de veto é discutido nos Parlamentos das Repúblicas Bálticos, na Geórgia e na Arménia.

-16/Novembro

O Parlamento da Estónia afirma a primazia das leis da República sobre as da União, esta decisão é anulada pelo Presidente do Supremo Soviético.

-22 a 23/Novembro

Surgem manifestações e confrontações em Bakou (Azerbaijão) ainda por causa da anexação do Alto Karabakh. É proclamado o Estado de Urgência no Azerbaijão e na Arménia.

-7/Dezembro

Perante a Assembleia Geral das Nações Unidas, Gorbachev pronuncia-se a favor da não ingerência nos assuntos internos dos países terceiros e anuncia uma redução unilateral das forças armadas soviéticas.

-10/Dezembro

Detenção dos membros do Comité pró Karabakh, estes últimos serão libertados em 31 de Maio de 1989, aquando do levantamento popular.

• 1989

-Janeiro

Adopção nos países Bálticos da lei das línguas nacionais.

-7/Janeiro

Redenção das vítimas de Estaline.

-12/Janeiro

O Alto Karabakh é colocado sobre a administração directa de Moscovo.

-15/Fevereiro

Fim da retirada das tropas soviéticas do Afeganistão.

-18, 22,25/Março

Manifestações de apoio a Boris Ieltsin.

-26/Março

Primeiras eleições semi livres no Congresso do Povo, Ielstin é eleito para Moscovo, com 85% dos votos e são igualmente eleitos candidatos nacionalistas nas Repúblicas Bálticas.

-Abril

Publicação do Relatório secreto de Khrouchev de 1956.

Reconhecimento na Polónia do pluralismo sindical, é dada a possibilidade a oposição de ingressar no Parlamento.

-8 a 9/Abril

Massacre em Tbilissi, por causa do separatismo Abkhaze, é imposto o recolher obrigatório e é organizada uma greve geral nesta república.

-2/Maio

A Hungria começa a dismantelar a Cortina de Ferro na sua fronteira com a Áustria.

-18/Maio

Declaração da soberania da Estónia e da Lituânia.

-25 a 30/Maio

Mikhail Gorbachev é candidato único e é eleito presidente do Supremo Soviético. A.I. Loukianov passa a ser o vice-presidente.

-3 a 4/Junho

No Uzbequistão, os conflitos inter - étnicos vão provocar várias mortes, o exército teve que intervir e é instaurado o recolher obrigatório em muitas cidades.

-4 a 18/Junho

As primeiras eleições parcialmente livres vão se realizar na Polónia. O movimento “Solidarnosc” obtém 99% dos lugares no Senado.

-16/Junho

Na Hungria, homenagem a Imre Nagy e às vítimas da insurreição de 1956.

-Junho/Julho

Início do êxodo dos Alemães de Leste para a RFA, pela fronteira austrohúngara.

-Julho/Agosto

Pedido de reunificação das duas regiões, a Ossetia do Norte pertencente à RSFSR e a Ossetia do Sul, integrada na Geórgia.

-15 a 17/ Julho

Surgem graves incidentes na Geórgia, mais especificamente na República autónoma do Abkhaze.

-29/Julho

Declaração da soberania da Letónia.

-30/Julho

Constituição em Moscovo, de um grupo parlamentar inter-regional, criado para acelerar as reformas.

-17/Agosto

Assinatura de um novo Pacto Federal, visando redefinir as competências e obrigações da União e das Repúblicas, assim como o estatuto do RSFSR.

-23/Agosto

50º aniversário do Pacto Germano-Soviético; três milhões de Báltas formaram uma cadeia humana de 560 Km, que atravessou as 3 Repúblicas Bálticas.

-Setembro

Início do bloqueio económico imposto pelo Azerbaijão á Arménia.

-8/Setembro

Criação da frente popular Ukraniana.

-12/Setembro

Na Polónia, verifica-se um reforço de confiança, no primeiro governo não comunista, após a II Guerra Mundial.

-5/Outubro

O Azerbaijão proclama a sua soberania. O Asseri passa a ser a língua oficial, cabe unicamente a esta República decidir a sua continuidade na União, podendo ter daqui por diante relações com estados estrangeiros.

-6 a 7/Outubro

Mikhail Gorbachev visita a RDA, Erich Honecker é forçado a demitir-se das suas funções de Secretário Geral do Partido Comunista e de Chefe de Estado.

-Novembro

“Revolução de Veludo” em Praga, Vaclav Havel é eleito para a presidência da República.

-9/Novembro

Queda do Muro de Berlim, abertura da fronteira inter-alemã.

-16/Novembro

Seis mil membros da Frente Popular Moldava manifestam-se em Kishinev e assaltam “ a Sede do KGB”.

Na Hungria , T. Jivkov Primeiro Secretário do Partido Comunista Búlgaro desde 1954 e chefe de estado desde 1971, é afastado do poder.

-19/Novembro

O Supremo Soviético da Geórgia autoriza a saída desta última da União.

-26/Novembro

A oposição ganha as eleições legislativas na Hungria.

-28/Novembro

O Chanceler Kohl apresenta uma proposta para a reunificação da Alemanha.

-2 a 3/Dezembro

Encontro em Malta entre Gorbachev e o presidente Georges Bush. Os EUA apoiam a entrada da URSS nas grandes instituições económicas internacionais.

-4/Dezembro

Reunião em Moscovo dos chefes de estados e dos governos dos estados membros do Pacto de Varsóvia, que pela primeira vez condenam oficialmente a intervenção soviética na Checoslováquia em 1968.

-6/Dezembro

O Supremo Soviético da Lituânia aboliu o monopólio do poder do Partido Comunista, abrindo assim um caminho para o multipartidarismo.

-20/Dezembro

O Partido da Lituânia declara a secessão. Moscovo condena esta decisão em 25 de Dezembro desse ano.

-22/Dezembro

Fuga do dirigente Romeno, Nicolae Ceausescu. Foi executado a 25 de Dezembro.

- **1990**

-Janeiro

Verificou-se várias manifestações no Azerbaijão, na fronteira com o Irão. Os manifestantes exigem a livre circulação entre estes dois países e para isso desmantelam o posto fronteiriço de Nakhitchevan.

Moldavos pedem a sua reunificação á Roménia.

-10 a 13/Janeiro

Viagem de Mikhail Gorbachev à Lituânia, com o intuito de se discutir a saída desta última da União.

-13 a 24/Janeiro

Violentos levantamentos nacionalistas e perseguições anti-armenios levam a intervenção sangrenta do exército nas cidades de Bakou e de Kirovabad. No total 170 mortos. É proclamado o estado de urgência no dia 20. A Frente Popular do Azerbaijão apela à desobediência civil.

-Fevereiro

É criado um grupo parlamentar (Soiouz) conservador, para a preservação da URSS.

-Fevereiro/Março

Nos países Bálticos e na Moldávia, os candidatos independentistas ganham as eleições locais.

-7/ Fevereiro

Na sequência da visita do Chanceler Kohl a Moscovo, Mikhail Gorbachev demonstra hostilidade contra uma Alemanha unificada e pertencente à NATO.

-11 a 19/Fevereiro

Tumultos nacionalistas no Tadjiquistão.

-23/Fevereiro

Na Estónia é criada uma comissão que tem como objectivo preparar a independência.

-11/Março

A Lituânia declara a sua independência, V. Landsbergis é eleito presidente. Gorbachev, no dia 13 de Março afirma a ilegalidade da independência da Lituânia e ameaça esta última com um bloqueio económico, caso não volte atrás na sua decisão.

-11 a 15/Março

Plenário do Comité Central do PCUS. Gorbachev propõe abolir o artigo 6 da Constituição Soviética, artigo este que diz respeito ao papel dirigente do Partido. No dia 14, é eleito presidente da URSS e Loukianov passa a ser presidente do Supremo Soviético.

-30/Março

O Parlamento da Estónia proclama aberto o período de transição necessário à independência da República.

Abril/Julho

Agitação inter-étnica no Quirguistão, os tumultos fazem mais de 500 vítimas.

-3/Abril

Adopção pelo Supremo Soviético da URSS, da lei das modalidades de secessão das Repúblicas Federadas.

-18/Abril

Moscovo impõe um bloqueio nas entregas energéticas à Lituânia.

-4/Maio

Proclamação da Independência da Letónia, que passa a ser efectiva após um período transitório de dois a três anos.

-5/Maio

EUA, URSS, Reino Unido, França e as duas Alemanhas discutem os aspectos internacionais da unificação da Alemanha.

-24/Maio

O Primeiro Ministro, Nikolai Ryjkov apela no Supremo Soviético para a necessidade de uma economia de mercado controlada.

-29/Maio

Boris Ieltsin é eleito Presidente do Supremo Soviético da RSFSR.

-31/Maio

Declaração da soberania da Moldávia.

-7/Junho

Reunião dos países membros do Pacto de Varsóvia. A Hungria anuncia a sua retirada até finais de 1991.

-12/Junho

Declaração da soberania da RSFSR.

-2 a 13/Julho

XXVIIIº e último congresso do PCUS. Boris Ieltsin abandona o partido comunista no dia 12 de Julho.

-5 a 6/Julho

Na Cimeira da NATO em Londres, os países afirmam que já não consideram a URSS uma ameaça e adoptam uma nova doutrina, dita de “último recurso”.

-9 a 11/Julho

Aquando da Cimeira do G 7 em Houston (EUA), os países industrializados comprometem-se em ajudar a URSS.

-14 a 16/Julho

O Chanceler Kohl visita a URSS. No acordo do “Cáucaso”, a URSS aceita que a Alemanha unificada faça parte da Aliança Atlântica e compromete-se em retirar as tropas da Alemanha de Leste, antes de 1993/1994.

-15/Julho

Declaração do Estado de Urgência no “Alto Karabakh”.

-16/Julho

A Ucrânia proclama a sua soberania, reivindica o direito de ser um estado neutro, quer dispor das suas próprias forças armadas e da sua própria moeda.

-27/Julho

Declaração da soberania da Bielorrússia.

-13 a 15/Agosto

Mikhail Gorbachev anuncia que a cidadania soviética será restituída às pessoas que ficaram sem ela entre o período de 1966 e 1988.

-22 a 24/Agosto

Declaração da soberania do Turquemenistão, da Arménia e do Tadjiquistão.

-19 a 23/Setembro

Perturbações nacionalistas no Quirguistão.

-Outubro/Dezembro

Tumultos nacionalistas na Moldávia.

3/Outubro

Reunificação da Alemanha.

-24/Outubro

A Ucrânia e a Rússia declaram a preeminência das suas leis sobre as da URSS, decisão negada pelo Supremo Soviético.

-25/Outubro

Declaração da soberania do Kasaquistão.

Proibição de armazenar e de experimentar armas nucleares.

-28/Outubro

Eleições legislativas na Geórgia, Zviad Gamsakourdia, escritor dissidente, ganha com 57% dos votos.

-30/Outubro

O Quirguistão declara a sua soberania.

-19/Novembro

Tratado entre a Rússia e a Ucrânia. Este tratado afirma a intangibilidade das fronteiras entre as duas repúblicas.

-23/Novembro

Publicação do projecto de um novo tratado da União das Repúblicas Soviéticas soberanas; ao estado federal caberia a responsabilidade de coordenar as políticas económicas, estrangeiras e de defesa, os outros domínios seriam da competência das repúblicas.

-27/Novembro

Declaração da soberania da Chechénia -Ingouchie.

Dezembro

A Rússia anuncia a sua intenção de reduzir de 80% a sua contribuição para o orçamento da URSS.

-20/Dezembro

Chevardnadzé demite-se do posto de Ministro dos Negócios Estrangeiros da URSS, era uma forma de protestar contra o avanço da ditadura no seio do Estado.

- **1991**

-Janeiro/Fevereiro

Confrontos violentos entre a Geórgia e a Ossétia. A Geórgia decide impor um bloqueio económico à Ossétia do Sul.

-11 a 13/Janeiro

Em Vilnius, na Lituânia, as tropas pára-quedistas soviéticas quiseram pôr termo ao processo de independência, o exército ocupa algumas instalações estratégicas, como por exemplo a estação de televisão e a casa da imprensa. Alguns Lituanos reclamam a necessidade de implementar reformas e exigem a demissão de Gorbachev.

-25/Janeiro

Reunião em Budapeste do Comité Consultivo do Pacto de Varsóvia. Ficou decidido dissolver as estruturas militares do Pacto , a partir 1 de Abril desse ano.

-9/Fevereiro

Referendo sobre a independência da Lituânia, 90% dos votantes pronunciaram-se a favor.

-3/Março

Referendo sobre a independência da Estónia (77% votaram a favor).

-10/Março

500 000 pessoas concentram-se em Moscovo, para apoiar Boris Ieltsin e a soberania russa.

-17/Março

Referendo sobre a União, 76,4% das pessoas votam a favor de uma União renovada, mas os países Bálticos, a Arménia e a Geórgia recusam-se a participar no escrutínio.

-9/Abril

Declaração de Independência da Geórgia, conseguida com o apoio de um referendo em que 98,93% das pessoas votaram a favor da independência. Gamsakourdia apela para a desobediência nacional e civil, uma forma de responder à política do poder central soviético.

-20 a 21/Abril

O grupo Soiouz , franco opositor do Tratado da União, defende um Estado de Urgência imediato e por um período de 6 meses e desejam implementar um programa de salvação nacional.

-23/Abril

Início do processo dito “9+1”, de negociação do novo Tratado da União, entre Gorbachev e nove representantes das Repúblicas Federadas. Mais uma vez, os países Bálticos, a Arménia e a Geórgia recusam participar neste evento.

-26/Maio

Z. Gamsakourdia é eleito presidente da Geórgia com 86,5% dos votos.

-5/Junho

Em Oslo, Mikhail Gorbachev recebe o prémio Nobel da paz e pede ao ocidente apoio para continuar o projecto da Perestroika.

-12/Junho

Boris Ieltsin é eleito presidente da RSFSR.

-18 a 21/Junho

Visita aos EUA de Boris Ieltsin, no dia 20 de Junho é recebido pelo presidente Georges Bush.

-19 a 26/Junho

Fim da retirada das forças soviéticas da Hungria e da Checoslováquia.

-27/Junho

Publicação do projecto do Tratado da União, que tem que ser submetido à rectificação dos Parlamentos das Repúblicas e ao da URSS.

-28/Junho

Dissolução do COMECON.

-1/Julho

Dissolução do Pacto de Varsóvia.

-17/Julho

Na cimeira do G7, em Londres, Mikhail Gorbachev foi convidado a apresentar um plano de reformas económicas e políticas radicais. (no dia 19/9 pede aos países ocidentais uma ajuda alimentar).

-29/Julho

Em Moscovo, Boris Ieltsin e V. Lansbergis assinam um tratado por um período de 10 anos, sobre os fundamentos das relações entre a RSFSR e a Lituânia. Nesse tratado a Rússia reconhece a independência da Lituânia.

-30 a 31/Julho

Visita do presidente Bush a Moscovo. Assinatura do tratado START I, que prevê uma redução de 20 a 30% dos armamentos nucleares estratégicos.

-3/Agosto

Alocação de Gorbachev, que fixou para dia 20 de Agosto a assinatura do novo tratado da União, destinado a redefinir os poderes entre o Centro e as Repúblicas.

-19 a 21/Agosto

Tentativa de Golpe de Estado, dirigida por homens da confiança de Gorbachev. Este último é retido na sua casa de férias em Foros, na Crimeia. É instaurada a primazia da Constituição e das leis soviéticas sobre as das Repúblicas.

No dia 19 de Agosto, Boris Ieltsin denuncia a ilegalidade das decisões impostas pelos golpistas e exige o retorno da ordem. Os defensores da liberdade das Repúblicas reúnem-se à volta da “Casa Branca”. Esta crise provoca três mortos, Gorbachev volta para Moscovo, na noite de 21 para 22 e os golpistas são detidos.

-23/Agosto

Boris Ieltsin ordena a suspensão das actividades do PCUS no território da RSFSR e manda fechar judicialmente os locais pertencentes ao Comité Central.

-24 a 31/Agosto

Proclamação da Independência da Ucrânia, no dia 25 é a vez da Bielorrússia, no dia 27 da Moldávia, no dia 30 do Azerbaijão, no dia 31 do Quirguistão e do Uzbequistão.

-25/Agosto a 2/Setembro

No dia 25 de Agosto, a França declara estar disposta a reconhecer a independência dos países Bálticos, a CEE toma a mesma atitude no dia 27 e os EUA fazem o mesmo no dia 2 de Setembro.

-30/Agosto

Gorbachev anuncia a sua intenção de continuar o projecto do Tratado da União, mas tenciona melhorá-lo.

-2/Setembro

Proclamação da Independência do Alto Karabakh.

-6/Setembro

O Conselho de Estado da URSS, composto pelos representantes das Repúblicas da União, reconhecem por unanimidade a independência dos países Bálticos.

-9/Setembro

Proclamação da independência do Tadjiquistão.

-21/Setembro

Referendo na Arménia, 99,4% dos votantes pronunciam-se a favor da independência.

-28/Setembro

A Ucrânia passa a controlar as forças armadas que se encontram no seu território. Surge igualmente um comunicado sobre a intangibilidade das fronteiras.

-11/Outubro

Dissolução do KGB.

-18/Outubro

Tratado da Comunidade Económica é assinado pelo período de três anos entre Gorbachev e 8 repúblicas, ficam de fora o Azerbaijão, a Geórgia, a Moldávia e a Ucrânia.

-27/Outubro

Proclamação da Independência do Turquemenistão.

-31/Outubro

A Rússia anuncia que vai deixar de financiar a maior parte dos Ministérios e administração federais.

-4/Novembro

Declaração da Independência da República Autónoma da Chechénia.

-6/Novembro

Boris Ieltsin dissolve as estruturas do PCUS e do Partido Comunista do RSFSR. Fica à frente do novo governo Russo e nomeia Egor Gaidar como Vice- Presidente para os assuntos económicos.

-1/Dezembro

A independência da Ucrânia é aprovada num referendo por 90,3% dos votos. Leonid Krautcouk é eleito presidente e anuncia que não vai assinar o tratado da União.

-4/Dezembro

A Rússia reconhece a independência da Ucrânia.

-8/Dezembro

Formação da Comunidade dos Estados Independentes (CE I), aberta a todos os membros da URSS que desejam aderir (também conhecido por acordo de Minsk).

-16/Dezembro

O Cazaquistão é a última república soviética a declarar a sua independência.

-17/Dezembro

Acordo entre Ieltsin e Gorbachev sobre a dissolução da União até ao final do ano de

-20/Dezembro

O Supremo Soviético suprime o Gosbank (Banco do Estado da URSS).

Sessão da inauguração do Conselho de Cooperação Norte Atlântica (COCONA), que reúne os países da Aliança Atlântica e do ex- Pacto de Varsóvia. Boris Ieltsin pergunta aos participantes sobre a questão da adesão da Rússia à NATO, como objectivo político de longo termo.

-21/Dezembro

Encontro em Alma-Ata, dos chefes de Estados dos três países membro da CEI e dos presidentes do Cazaquistão, da Arménia, do Azerbaijão, da Moldávia e dos países da Ásia Central, que aderiram à nova Comunidade. Assinatura de vários acordos sobre as estruturas

institucionais desta Comunidade e sobre o controlo da “Arma Nuclear”. Os países Bálticos e a Geórgia não aderiram à CEI.

-24/Dezembro

A Rússia herda o lugar de Membro Permanente da União Soviética no Conselho de Segurança das Nações Unidas.

-25/Dezembro

Mikhail Gorbachev demite-se do cargo de presidente da URSS e transmite a responsabilidade nuclear a Boris Ieltsin.

No Kremlin, a bandeira da URSS é substituída pela bandeira da Rússia. A RSFSR passa a chamar-se Federação da Rússia.

Os países membros da Comunidade Europeia e os EUA reconhecem a independência da Rússia, como Estado sucessor da URSS e único a ser reconhecido como potência nuclear.

-26/Dezembro

O governo da Rússia adota um programa para a privatização das empresas.

-30/Dezembro

Em Minsk, os onze estados membros da CEI aceitam um comando unificado das forças estratégicas, a Ucrânia, a Moldávia e o Azerbaijão decidem criar as suas próprias forças armadas.

Fim da URSS- proclamação da CEI

• 1992

-9/Janeiro

Divergências entre a Ucrânia quanto ao controle da frota do Mar Negro

-29/Janeiro

Integração dos países da CEI na CSCE.

Yeltsin defende a liquidação das armas de destruição maciça e o fim do programa IDS.

-3/Fevereiro

Conflitos entre Arménios e Asseris pela disputa de Nagorno- Karabakh.

